



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Gestão de Eventos Desportivos

O Controlo de Multidões e os seus intervenientes na Segurança dos Estádios

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Gestão do Desporto –
Organizações Desportivas

Orientador: Professor Doutor Carlos Jorge Pinheiro Colaço

Júri

Presidente: Doutor Carlos Jorge Pinheiro Colaço

Vogais: Doutor Alcides Vieira Costa

Doutora Maria Margarida Ventura Mendes Mascarenhas

João Luís Pereira de Almeida

2013

Índice

ÍNDICE DE FIGURAS	3
ÍNDICE DE TABELAS.....	3
ABREVIATURAS	3
ABSTRACT	4
RESUMO.....	5
AGRADECIMENTOS	6
1. INTRODUÇÃO	7
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
2.1. CARACTERÍSTICAS DOS EVENTOS DESPORTIVOS	9
2.2. AS MULTIDÕES E O SEU CONTROLE	12
2.3. COMPORTAMENTO DE MASSAS	13
2.3.1. <i>O que acontece a nível Internacional</i>	14
2.3.2. <i>O que acontece a nível Nacional</i>	21
2.4. DIFERENCIAR O SAFETY DO SECURITY	22
2.5. A SEGURANÇA DE MULTIDÕES	22
2.6. MOVIMENTOS DO ESPETADOR	23
2.7. OS ESPAÇOS	25
2.7.1. <i>A Gestão da Segurança</i>	26
2.7.2. <i>Os Recintos</i>	27
2.7.3. <i>Centro de comando das instalações e Posto de Segurança</i>	27
2.7.4. <i>Os Indicadores de Segurança</i>	28
2.7.5. <i>Novas tecnologias</i>	29
2.8. MECANISMOS	30
2.8.1. <i>Bilhetes/Ingressos</i>	31
2.8.2. <i>Triagem</i>	32
2.8.3. <i>Controlar o processo de dispersão</i>	34
2.8.4. <i>Comercialização de produtos para os diferentes géneros</i>	34
2.8.5. <i>Recusar a entrada de espetadores conflituosos</i>	35
2.8.6. <i>Outros</i>	35
2.9. EDUCAÇÃO PÚBLICA & SEGURANÇA.....	37
2.10. LEIS ASSOCIADAS A VIOLÊNCIA NO DESPORTO.....	39
2.10.1. <i>Entre 1940 e 1970</i>	39
2.10.2. <i>Entre 1970 e 1980</i>	40
2.10.3. <i>Entre 1980 e 1990</i>	40
2.10.4. <i>Entre 1990 e 2000</i>	41
2.10.5. <i>Entre 2010 e 2012</i>	43
2.11. OS SERVIÇOS DE SEGURANÇA	44
2.11.1. <i>Polícia (PSP)</i>	44
2.12. AUTORIDADE NACIONAL DE PROTEÇÃO CIVIL (ANPC).....	46
2.13. DIRETOR DE SEGURANÇA (DS) - PROMOTOR.....	46
2.14. ASSISTENTES DE RECINTOS DESPORTIVOS (ARD'S)	48
2.15. OS DIRIGENTES E AS SUAS RESPONSABILIDADES SOBRE A VIOLÊNCIA.....	52
2.16. CUSTOS ASSOCIADOS Á SEGURANÇA	58
3. METODOLOGIA.....	63
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	64
4.1. COMO ABORDAR A SEGURANÇA NOS ESPAÇOS	64
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES E LIMITAÇÕES	70
6. BIBLIOGRAFIA	74
6.1. DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	76
6.2. SÍTIOS NA INTERNET	76

Índice de Figuras

Figura 1 - Tragédia de Heysel Park	18
Figura 2 - Bilhetes	31
Figura 3 - Fila Linear	33
Figura 4 - Fila em Grosso	33
Figura 5 - Filas em Zig-Zag.....	34
Figura 6 - Objetos Proibidos	37
Figura 7 - Descrição do Posto	48
Figura 8 - Valores da PROSEGUR	49
Figura 9 - Email do SCP ao SLB	56

Índice de Tabelas

Tabela 1- Número de Espectadores e Eventos	24
Tabela 2 - Dados informativos do setores ocupados SCP	55
Tabela 3 - Preços Polícia Tabela A	59
Tabela 4 - Preços Polícia Tabela B	60

Abreviaturas

ARD's – Assistentes de Recinto Desportivo

CNVD – Conselho Nacional Contra a Violência no Desporto

DS – Diretor de Segurança

DO – Diretor de Operações

EUA – Estados Unidos da América

EASM – European Association for Sport Management

FCBM – Fußball-Club Bayern München

FCB – Futebol Club Barcelona

FCP – Futebol Clube do Porto

FIFA – Federation International de Football Association

PSP – Polícia de Segurança Publica (PSP)

SLB – Sport Lisboa e Benfica

SCP – Sporting Clube de Portugal

UMID – Unidade Metropolitana de Informações Desportivas

Abstract

"Security", which translated to Portuguese means "Segurança", is the main point of this research. Seeks to analyze the various aspects related to safety at sports events, in particular in football stadiums, since the agents that are involved in them, the mechanisms that have, to the legislation governing and as and performed the interaction between everyone.

The methodology used for this research was developed through the preparation of Interviews to the agents involved in sporting events and of survey data in Newspapers, Journals, Papers and Books as can be observed in the bibliography.

All of the questions made had the foundation of five strategic points, the human resources, financial resources and material resources, the schedule and the legislation. The aim of focusing on these points was to check the different forms of activity, coordination and relationship between the agents involved.

The most relevant conclusions of this study are: security at all events should be part of the same planning, communication between the agents involved in the event security is of paramount importance; public education and the laws need to be revised and improved by creating more synergies between all involved; find new safety mechanism more objective and modern.

Key Words: Safety, Violence, Spaces, Mechanisms, Actors, Laws

Resumo

“Security”, que traduzida para português significa “Segurança”, é o ponto principal desta investigação. Pretende-se analisar os vários aspetos ligados á Segurança nos eventos desportivos, em particular nos estádios de Futebol, desde os agentes que neles intervém, os mecanismos que possuem, a legislação pelos quais se regem e como é efetuado a interação entre todos.

A metodologia aplicada para esta investigação foi elaborada através da elaboração de Entrevistas aos agentes envolvidos nos eventos desportivos e do levantamento de dados em Jornais, Revistas, Teses e Livros como pode ser observado na Bibliografia.

Todas as perguntas efetuadas tinham o fundamento de 5 pontos estratégicos, os Recursos Humanos, Financeiros e Materiais, o Cronograma e a Legislação. O intuito de focar estes pontos foi verificar as diferentes formas de atuação, de coordenação e de relacionamento entre os agentes envolvidos.

As conclusões de maior relevo neste estudo são: a segurança em todos os eventos deve fazer parte do planeamento da mesma; a comunicação entre os agentes envolvidos na segurança do evento é de extrema importância; a educação pública bem como as leis precisam de ser revistas e melhoradas, criando mais sinergias entre todos os envolvidos; encontrar novos mecanismo de segurança mais objetivos e modernos.

Palavras-chaves: Segurança, Violência, Espaços, Mecanismos, Intervenientes, Leis

Agradecimentos

Para além do meu compromisso e apego a este estudo, foi necessária a colaboração, disponibilidade e amizade de várias pessoas, às quais gostaria de prestar o devido agradecimento.

Em primeiro lugar, agradecer ao meu orientador Professor Doutor Carlos Colaço, pela paciência, pela colaboração incansável, pela orientação científica, pela partilha de conhecimentos e disponibilidade demonstrada ao longo de todo este estudo.

Ao Professor Doutor Alberto Claudino, por ter sido uma grande ajuda no início deste estudo.

Aos meus colegas de Mestrado João David, Tiago Ribeiro, Ivo Goncalves, Tiago Viegas pela disponibilidade simpatia e apoio em todo este estudo.

Um obrigado especial, ao Diretor de Segurança do SLB o Sr. Rui Pereira pela disponibilidade, simpatia, cordialidade e cuidado no auxílio deste estudo, todos os momentos que privei consigo foram importantes para a construção deste estudo.

Ao Mestre Pedro Cardoso, não só pela ajuda que prestou nesta parte final, mas pela amizade, carinho e humildade, Obrigado “velho”.

Aos meus pais e aos meus irmãos, por fazerem sacrifícios por mim, por me apoiarem mesmo quando outros duvidavam, sem vocês a minha vida não tinha qualquer significado.

A todos os meus colegas e amigos da Faculdade Motricidade Humana e a todos os professores pelos vários ensinamentos e contributos prestados.

E finalmente, a uma pessoa muito especial que nunca me abandonou e que me ajudou muito mesmo nestes tempos de incerteza e de dúvida, a ti princesa, Obrigado Joana Valente por cuidares de mim e por sere o meu porto neste mar bravio.

1. Introdução

Cada vez mais a informação de como saber lidar com as multidões é valorizada em todos os eventos. Atualmente, as empresas e organismos desportivos tendem a preocupar-se com a questão do lucro, marginalizando algo que cada vez mais se torna importante nesses eventos, a Segurança.

Madensen e Eck (2008) afirmam que a violência dos espetadores nos estádios faz parte de um conjunto maior de problemas relacionados ao mau comportamento nesses locais. Violência, conflitos, escaramuças, insegurança, são palavras que cada vez mais se associam ao desporto. Sempre que existe uma competição desportiva entre equipas adversárias existem sinais de confronto, pessoas agredidas, oprimidas e mal tratadas por adeptos e simpatizantes de outros clubes ou seleções.

O controlo, a segurança e a gestão das multidões é um problema que cada vez mais deve estar associado aos eventos desportivos, onde é crucial, a caracterização e a diferenciação de dois grandes conceitos, o de “Safety” e “Security”. O “Safety” mais ligado à manutenção da integridade física das pessoas, nos espaços que estas possam vir a usar nos eventos. Já o “Security” engloba mais a proteção e a precaução das pessoas e dos valores nesses locais, no que respeita os aspetos da ordem pública e socorro.

Todos os aspetos inerentes ao planeamento de um evento desportivo, seja um evento mundial, nacional ou até regional, a segurança nunca deve ser desleixada. A desvalorização deste ponto faz com que o evento se torne vulnerável a um sem número de ações, situações e acontecimentos que podem ocorrer. Na elaboração e na gestão de um grande evento, a segurança e um dos pontos que deve estar incluído no planeamento.

O ponto principal no controlo de multidões, está em definir as funcionalidades das partes envolvidas, a qualidade de informação antes, durante e depois e na eficácia do processo de planeamento.

O intuito deste estudo passa por compreender todo o processo de planeamento e gestão do controle de multidões em recintos desportivos, no que diz respeito ao “Security” nos mesmos, e dos diferentes intervenientes nesses locais.

Abordando o ponto anterior, temos que ter em atenção todos os detalhes onde possam surgir dificuldades, como é o caso das instalações, do espaço, os espectadores, os recursos materiais, a disposição dos mesmos no espaço envolvente, as pessoas que lidam com estes materiais, as condições climatéricas, a zona geográfica onde ocorre, as características do evento, as características da instalação, tamanho e comportamento da multidão, bilhética, as comunicações e inspeção de espetadores.

Desde os atentados no Jogos Olímpicos de Munique que o desporto, para além de assumir um ponto de interesse por todos aqueles que se identificam com o mesmo no que respeita aos princípios do desporto, que outros elementos se juntam ao mesmo de uma maneira errada, como é o caso do Terrorismo, Manifestações Políticas e atos Criminosos.

2. Enquadramento Teórico

Madensen e Eck (2008), no guia que elaboraram afirmam que “o Policiamento de multidões estádio é uma tarefa difícil”. Cada vez mais o controlo de multidões, sejam eles de adeptos de clubes ou seleções, grupos simpatizantes ou meramente espectadores, é visto como um fator que necessita cada vez mais de ser levado em conta no que concerne a organização e na gestão de eventos desportivos ou culturais.

No que diz respeito á Segurança, o principal risco implícito em qualquer grande evento são as pessoas que nele intervém, tanto a nível direto como indireto. Elas são a principal causa e o principal meio para que a segurança seja um ponto importante na qualidade dos serviços apresentados num grande evento. Madensen e Eck (2008) elucidam que a “polícia tem a obrigação de equilibrar os interesses de todas as partes.”

Os grandes eventos, para além de atraírem fãs que se identificam com os mesmos, atraem outro tipo de “pessoas” que não deviam estar ligadas aos mesmos, como são o exemplo de terroristas e criminosos. Por esse motivo será necessário implementar cada vez mais medidas de segurança no que concerne a estas “pessoas”, que não tem outro objetivo se não prejudicar o evento. Para colmatar estes problemas é necessário implementar medidas de segurança e de vigilância, Closed-circuit television (CCTV), caminhos de evacuação, criar formações específicas os diversos recursos humanos, como Assistentes de Recintos Desportivos (ARD’s) – Designados Stewarts – os Spooters, e as restantes forças de segurança pública para um maior controle de drogas, armas e explosivos, etc., e criar sinergias e parcerias com as claques, grupos organizados e outros adeptos.

2.1. Características dos Eventos Desportivos

Nos últimos anos os eventos são caracterizados por terem a capacidade de promover e dinamizar a interação entre público de todas as idades. A organização de eventos consiste num processo de desenho, de planificação de um plano de atuação bem delineado.

Para que se possa entender de uma forma clara, o planeamento é o momento no qual idealizamos tudo o que queremos realizar no evento, os objetivos, o porque da

realização do mesmo (motivo), os recursos necessários, o investimento estimado, entre outros aspetos característicos. A organização é a informação de todos os elementos mencionados anteriormente, que em conjunto são utilizados com o objetivo de concretizar o evento. Por isso a planificação dos eventos se relaciona com a organização considerando este último dependente do planeamento.

Camy e Robinson (2007) consideram a existência de quatro fases no planeamento de um evento desportivo:

- Desenho (conceptualização, esquematização e organização do evento desde a ideia original até à decisão de realização),
- Desenvolvimento (preparação do evento),
- Implementação (o evento propriamente dito)
- Dissolução (encerrar o evento após a competição).

As características dos eventos podem influenciar o seu planeamento. A necessidade de perceber quais são as linhas temáticas do mesmo, o registo prévio dos participantes, a coordenação dos oradores e conferencistas, a decoração do lugar, os recursos materiais como mobílias, equipamentos audiovisuais, coberturas ou tendas, os serviços médicos, os serviços de limpeza e os serviços de segurança, temática que vou abordar neste estudo.

Sameiro, Pinto, Silva e Pedroso (2011) efetuam uma descrição de vários autores e como eles classificam os eventos. Nesse sentido, Sachetti (2009) classifica os eventos como: Desportivos, Sociais, Religiosos, Políticos, Empresariais, Sectoriais e Especiais em função da sua estrutura, dinâmica e públicos-alvo. Poit (2006) diferencia três dimensões de análise para os descrever neste caso por categoria (institucional e promocional), áreas de interesse (desportivo, cultural, empresarial, educacional, turístico, etc.) e tipos (congressos, convenções, palestras, feiras, conferências, teleconferências, leilões). Madeira, Caetano, Rasquilha, e Santos (2007), são mais seletivos e dividem os eventos em especiais (desportivos ou culturais) e de participação (sociais, ecológicos, lazer e entretenimento) e periodicidade, onde se dividem em oportunidade, únicos, esporádicos e permanentes.

Para além da tipologia falada anteriormente, os eventos podem conter uma classificação económica. De acordo com a responsabilidade económica, os eventos sociais podem ser Patrocinados, Autofinanciados ou Financiados.

Os eventos Patrocinados são caracterizados pelo estabelecimento de parcerias com empresas onde o evento se vai realizar, como hotéis, restaurantes, etc. ou mesmo por marcas que se queiram associar a um evento que lhe traga prestígio, confiança do consumidor. Seja qual for o acordo que se obtenha com o patrocinador para um evento, este não pode ser visto como uma “carta em branco” ou um “cheque sem valor”, o qual pode ser preenchido no fim, deve existir um acordo onde estejam delineados os objetivos do evento, as características do mesmo, o custo benefício do mesmo para a empresa/marca associada (as), entre outros pontos também importantes e fundamentais para o desenvolvimento da região ou da marca em questão. A qualidade do evento, o bom gosto, o lugar e a intervenção comercial do patrocinador devem ser também tidas em conta.

Os eventos Autofinanciados, são os mais comuns em eventos Culturais e Comerciais, onde através da venda e compra de um bilhete, cupão ou contribuição este se auto financia, embora correram sempre o risco de não obter lucro ou mesmo de pagar a despesa, sendo o resultado igual a zero. E são estes que me vou focar mais, visto serem estes que tem maior foco, no que concerne ao número de espetadores.

Os eventos Financiados são aqueles cujo custo foi considerado anteriormente, em reuniões, onde foram abordados todos os custos. Os eventos sociais são importantes para o desenrolar do turismo porque tem grande capacidade para atrair e reunir pessoas de todo o mundo, vendem uma quantidade elevada de bilhetes o que faz gerar dinheiro, e são também bons geradores de emprego.

Os “Mega” eventos têm que ser decididos em uma justa relação entre os custos e os benefícios, seguindo critérios éticos e morais, de racionalidade económica, justiça social e responsabilidade.

Ward (2002) ilustra que o desenvolvimento do desporto, “para se poder analisar todo o conjunto de fatores que direta e indiretamente influenciam o desenvolvimento do desporto tem de se apreciar o aspeto social, económico, político e cultural da sociedade do nosso tempo.” Longe vai o tempo em que às ideias recomendadas por Coubertin sobre

o olimpismo e ética desportiva, sobre o respeito e a internacionalidade, a discriminação política e religiosa, e onde os direitos de igualdade se imponham.

2.2. As multidões e o seu controle

Norbert (1992) clarifica que “Os ciclos de violência são configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua, passando cada um assumir como coisa natural o facto de os seus membros poderem estar armados ou serem mortos pelo outro grupo caso este tenha a oportunidade e os meios para o efetuar”. Esta clarificação só pode ser vista também e comparada com o ditado popular “para dançar o tango é preciso sempre duas pessoas” neste caso é para existir violência é necessário existirem duas partes, quem dá o tiro e quem o recebe.

A Gestão das Multidões envolve sempre um risco significativo. A extensão da gravidade, e a exposição ao risco varia através de alguns fatores, neste caso destacam-se três fatores:

- As circunstâncias em que se encontra a multidão;
- Como foi preparado o controlo da multidão;
- Como efetivamente os riscos devem ser controlados.

Existem guias que apoiam as agências de controlo de multidões e os respetivos empregadores de acolhimento (locais e eventos) no qual a principal tarefa é o controlo da multidão, onde para além da segurança física também pretendem fazer cumprir as suas responsabilidades no âmbito da Saúde, como é o caso da Occupational Health and Safety Act (OHSA) (2004). Este guia, para além de abordar a Segurança e Saúde no Trabalho (SST) aborda também a temática sobre os problemas da segurança e sugere soluções para os mesmos, de forma a garantir que o trabalho desenvolvido para o controlo de multidões é conduzido de forma tão segura e sensata como pode e deve de ser. Também fornece numerosas recomendações e ferramentas para garantir a segurança, o bem-estar e a saúde do pessoal que está diretamente ligado ao controlo de multidões, bem como outros agentes, a quando:

- No controlo da entrada de pessoas em locais ou eventos;

- Na monitorização e comunicação do público e dos seus comportamentos individuais;
- Saber lidar com o comportamento potencialmente agressivo, abusivo ou violento;
- Controlar fisicamente o comportamento agressivo, abusivo ou violento;
- Administrar e coordenar os primeiros-socorros (primeira resposta), ou de cuidados intensivos, bem como evacuação de emergência de um local ou evento.

Existe um vasto leque de recursos humanos e entidades que tem o dever e a obrigação de intervir no controlo de multidões em eventos, e nesse sentido é importante diferenciar os mesmos, quanto á sua descrição como a sua responsabilidade. Existem 3 pontos em ter em conta por todos os envolvidos no evento, de maneira a encontrarem soluções para colmatar as seguintes preocupações:

- Antecipar potenciais fontes de perigo,
- Adotar medidas para evitar as fontes de perigo, quando for possível,
- Estar preparado para responder a problemas rapidamente e eficazmente quando necessário.

Todos os pontos anteriores tem um fator em comum o da prevenção, que se torna característico tanto em eventos culturais, sociais ou desportivos.

2.3. Comportamento de massas

Tavora (2008) no seu estudo aborda que existem dos motivos para a violência em estádios, o interno e o externo. O interno é caracterizado pelo constituinte do conteúdo desportivo, numa visão mais intrínseca. Já o externo, pode ser justificado por todos os acontecimentos externos á situação desportiva no que concerne aos problemas da que a sociedade pode vir a ter.

O futebol é considerado por muitos a grande paixão popular e caracterizado, pela crítica desportiva, como o maior fenómeno social dos últimos anos.

Os casos de violência presente cada vez mais nos estádios é o comportamento das massas torna-se cada vez mais importante de ser estudado e conseqüentemente relacionado com a segurança nesses locais, esse fato tem distanciado o espetador dos

eventos dos estádios, que optam por assistir aos jogos no conforto de casa e distantes da violência, diminuindo assim o consumo e o aumento da receita.

Paim e Strez (2004) identificam que as pessoas que fazem parte das claques está sujeita a manifestação de emoções que por vezes se encontram reprimidas pelo meio social onde se inserem, e encontram nesse local uma forma de os libertarem, mostrando a sua identidade e efetuando coisas que não faria isoladamente.

2.3.1. O que acontece a nível Internacional

De acordo com o “*site*” da FIFA, a segurança dos adeptos deve ser tratada com prioridade. No mesmo local podemos encontrar algumas normas obrigatórias, que abrange o “Security” e o “Safety”, que a própria FIFA regulamenta para os estádios.

É recomendado que os sectores como escadarias, portões e corredores sejam sinalizados e livres de obstáculos. Que os portões de acesso abram do interior para o exterior do estádio e permanecerem destrancados enquanto houver público. Para impedir invasões, os portões podem ter um sistema de tranca facilmente, manejável por qualquer pessoa no interior do estádio. Ainda para garantir a segurança dos adeptos, os estádios devem ter uma sala de controlo bem equipada, com visão panorâmica e câmaras de vigilância interna e externa.

Deve haver ao menos uma sala de primeiros socorros, a qual o público possa aceder facilmente estando dentro ou fora do estádio.

Para manter a segurança e prevenir incidentes, todas as pessoas que assistam ao espetáculo desportivo deverão colaborar sempre que abordados pela polícia, pessoal da segurança ou qualquer outra pessoa devidamente autorizada, e caso seja pedido, tem de apresentar uma prova de identidade com fotografia e aceitando a inspeção dos seus pertences, o controlo e apreensão de todos os objetos não autorizados, acatando instruções e sugestões.

É proibido entrar no estádio embriagado ou em posse de algum objeto não permitido, que possa ser utilizado como arma ou possa colocar em risco a segurança e ordem pública. Também não se podem levar para o interior do estádio substâncias inflamáveis, produtos de pirotecnia de qualquer tipo ou bebidas alcoólicas, narcóticos ou estimulantes.

São também proibidos comportamentos que incitem a violência, o racismo, ou expressem ideologias de carácter nacionalista, político, religioso e étnico, de forma a afetar a segurança, saúde pública, ordem pública ou reputação do promotor. Também estão proibidos mensagens em tarjas, placards, cartolinas ou outras formas que contenham textos ou mensagens ofensivas, maliciosas, provocativas, políticas ou racistas.

O estádio deve contar com um sistema permanente de vigilância (CCTV) de câmaras de TV a cores, que cubra todas as superfícies públicas dentro e fora do estádio, permitindo a supervisão do movimento dos adeptos, assim como o seu comportamento. Este sistema deve permitir fotografar qualquer indivíduo que altere a ordem para que se possa entregar de imediato a sua fotografia aos seguranças, administradores do recinto e à polícia.

Já o Fair Play consiste numa campanha de promoção do desporto promovida pela FIFA, onde a ideia principal é respeitar e transmitir os valores mais nobres no Futebol. Anualmente a FIFA entrega um ou mais prémios a pessoas, clubes, associações ou entidades de qualquer natureza que transmitem os valores do *Fair Play*.

2.3.1.1. Apontamento Histórico

Mariovoet (1989) num dos seus trabalhos foca o fenómeno do Holiganismo nas sociedades do centro da Europa, onde são apontados vários estudos sociológicos que focam diferentes fases do fenómeno ao longo do tempo e das sociedades. Alguns autores têm uma preocupação em identificar as diferentes causas que contribuíram para a agudização dos conflitos.

Os pioneiros neste tipo de investigação foram Taylor e Clarke (1973), relativamente á violência na sociedade inglesa depois dos anos 50. Taylor defende que a violência até aos anos 60 foi diferente da que assistiu posteriormente. Marivoet (1989), citando Taylor, aponta que os novos aspetos de vandalismo são atribuídos aos efeitos do que dominou de "...“cauda subcultural” dos adeptos das classes trabalhadoras, face ao “aburguesamento” e “internacionalização” do Futebol”. Nesse aspeto Norbert (1992), aborda que nas sociedades, muitas profissões e relações privadas e atividades, “só proporcionam satisfação se todas as pessoas envolvidas conseguirem manter uma razoável harmonia e um controlo estável dos seus impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos”.

Clarke (1973) acrescenta que a 2ª Guerra Mundial fez com que os grupos organizados fossem uma realidade depois da década de 60. O porquê dessa razão é bastante simples, anteriormente esses indivíduos, que agora fazem parte desses grupos, iam com os pais, irmãos, tios, avós ou mesmos com vizinhos da mesma classe etária ver esses espetáculos desportivos, tornando-se uma atividade social/familiar onde o comportamento estaria sujeito sempre a um controle desses indivíduos.

Marivoet (1989), citando Clarke, fala de dois processos que transformaram o jogo numa mercadoria a ser passivamente consumida, os processos de “profissionalização” e “espectacularização”. Estes processos trouxeram um desajustamento quanto ao envolvimento do futebol face à sua cultura de classe. Deste ponto surge um novo tipo de vandalismo caracterizado pela luta entre os adeptos. Neste contexto, é necessário tornar o jogo seguro, para quem? Para a “nova e tranquila classe média”, onde os encontrões, os empurrões, o agitar da multidão e o praguejar foram olhados como comportamentos fanáticos, tendo o fenómeno do vandalismo sido alargado em relação ao que realmente aconteceu.

Dunning, Murphy e William (1986), concluem que o fenómeno do hooliganismo no futebol surge no final dos anos 50, e encontram 3 pontos que justificam o motivo, as mudanças estruturais das diferentes camadas das classes trabalhadoras, a expansão dos tempos livres e a crise do mercado de trabalho nos jovens e a vontade de se deslocar para os jogos fora de casa.

Em “All Seated Grounds and Hooliganism: the converty city experience 1981 – 1984”, é referido que a violência habitual nas bancadas dos estádios, atraiu um grupo de jovens, que não se sentiam atraídos pelo jogo de futebol mas sim pela violência. É neste contexto que se explicam o aparecimento dos grupos de extrema-direita, onde os grupos de jovens, apelidados de “irrequietos”, “não estruturados”, “provocadores” e “com pouca ou nenhuma perspetiva social”, constituíram uma fonte de recrutamento para estas organizações.

Marivoet (1989), enuncia também o fator da imprensa escrita se ter aproveitado das estatísticas e sobrevalorizando o reforço do “pânico moral” permitindo que aos jovens Hooligans que se encontravam “on the scene” lhe fosse atribuído, de forma negativa, uma identidade na sociedade.

Limbergen, Colaers e Walgrave (1989), elaboraram um estudo do fenómeno do hooliganismo na sociedade belga e chegaram a uma conclusão que, em 1975 foi o ponto alto da violência futebolística na Grã-Bretanha e a sua consequente propagação ao resto da Europa.

Existem vários elementos que Marivoet (1989) salienta como “elementos catalisadores”, como a organização regular e a calendarização da competição, a tradição de rixa e a venda de álcool, a atuação desadequada da polícia, a atenção dos media, as manipulações políticas que se produzem no seio dos jovens e o clima de violência na vida política.

Durante a década de setenta a informação relativamente aos incidentes de violência registados em jogos de futebol é escassa contudo Marivoet (1989) aponta para dois dados, um na época 1978/1979 onde os valores estavam na ordem dos 13%, e na época 1981/1982 onde o valor rondava os 30,16%, um aumento bastante elevado. Na década de oitenta a legislação sobre a violência é farta, facto que revela uma preocupação por partes das entidades oficiais em controlar a situação.

No dia 29 de maio de 1985, aquando da final da Taça dos Campeões Europeus, jogo que opunha o Liverpool e a Juventus, no estádio de Heysel Park, na Bélgica, ocorre um dos maiores incidentes registados num jogo de futebol. A possibilidade de confrontos entre os adeptos, de ambas as equipas, foi ponderada pelas autoridades belgas, que anunciaram algumas medidas a serem tomadas em contas para esse jogo. Era proibido vender bebidas alcoólicas em estabelecimentos próximos do estádio; uma revista a todos os espectadores, à entrada para o jogo; um contingente de 1400 polícias para salvaguardar a segurança. As medidas não tiveram muita adesão, visto a maior parte dos bares ter continuado a trabalhar normalmente e a servir os adeptos de ambas as equipas.

Os distúrbios começaram ainda fora do estádio, com ingleses e italianos a trocarem provocações. Para ajudar na festa muitos adeptos italianos tinham adquirido bilhete para uma secção neutra, próxima do espaço concedido aos adeptos do Liverpool. Contrariamente ao calculado pela polícia, o lado norte do estádio estava partilhado por adeptos das duas formações, separados apenas por uma pequena barreira e alguns polícias.

O lançamento de foguetes e petardos, por parte dos italianos, precipitou os acontecimentos. Os furiosos “*hooligans*” ingleses começaram a correr e a carregar sobre todos os adeptos que se encontravam naquela faixa, empurrando-os para uma parede, que se viria a desmoronar, causando as mortes por esmagamento e asfixia. As grades que separavam as bancadas cederam à pressão humana e deram lugar à tragédia. Dezenas de espectadores italianos foram “espezinhados” por “*hooligans*”, já outros usaram barras de ferro para bater nos “adeptos rivais”.



Figura 1 - Tragédia de Heysel Park

Com a pressão dos espectadores em pânico, o muro caiu, arrastando na queda mais algumas dezenas de pessoas.

O balanço final da tragédia apontou 38 mortos e um número indeterminado de feridos. Os “*hooligans*” ingleses foram responsabilizados pelo incidente, o que resultou na proibição das equipas britânicas participarem em competições europeias, por um período de cinco anos.

As reações do povo inglês foram todas no sentido da reprovação e incredulidade pelos atos violentos dos adeptos do *Liverpool*, o que levou, a própria rainha, Isabel II, a condenar, publicamente, o comportamento dos “*hooligans*” e a apoiar a suspensão das equipas inglesas. Para além destas punições aos ingleses, a Bélgica foi punida pela UEFA, ficando o país proibido de organizar finais de competições europeias, por um período de 10 anos.

Devido a este assunto, e nesse mesmo ano, os ministros do Desporto dos países do conselho da Europa aprovaram, normas e procedimentos a adotar em casos como o anterior, na convenção sobre “A Violência e os Excessos dos Expectadores por Ocasião das Manifestações Desportivas e nomeadamente de jogos de Futebol”, que veio a ser também adotada por Portugal.

Devido a gravidade e á violência dos acontecimentos no estádio em Heysel em 1985, a comunidade internacional em geral, e a europa em particular, sentiram necessidade de adotarem medidas urgentes com vista a sua prevenção. Devido a essas medidas muitos clubes conseguiram estabelecer um controlo apertado a essas claques, contudo noutros não foi possível, visto que as claques não aceitaram esse controle, chegando mesmo a rutura entre os mesmos. Poucos foram os clubes que continuaram a dar apoio a esses “grupos de jovens organizados”.

A partir de 1976, alguns jovens sócios dos 4 maiores clubes portugueses começaram a ter o hábito de visualizar os jogos num determinado local do estádio. Marivoet (1989) foca que “Os jovens do Sporting Clube de Portugal foram os fundadores desta tradição”, um grupo de jovens do colégio de São João de Brito. No início da década de oitenta as claques sentiram uma necessidade em serem reconhecidas, de forma oficial, pelas direções dos clubes que apoiavam. Alguns devido a ligação com elementos da direção dos mesmos, visto serem familiares, tentaram que existe-se uma relação entre ambos, bem como uma sensibilização para a sua existência. Em 1982, com o reconhecimento dos respetivos clubes, a Juventude Leonina, os Diabos Vermelhos, os Dragões Azuis e as Panteras Negras foram institucionalizadas. A ligação existente entre as claques e as direções dos clubes levou as primeiras a participarem ativamente nas eleições para os órgão de direção dos clubes o que fez desencadear conflitos, por divergências de opiniões, verificando-se o aparecimento de várias claques num só clube.

Em 1984, forma se a Fúria Azul, 1985 a Torcida Verde, 1985 os Super Dragões e a Raça Benfiquista, os Esquadrões Azuis, Juventude Bracarense e a fusão do VIII Exercito/juventude Vitoriana. O aparecimento das claques foi visto por alguns como um fator benéfico para o clube e para outros como um fator de mal-estar. Este último tornou-se mais claro em alguns conflitos gerados entre os jovens das claques e os sócios presentes nas bancadas circundantes, devidas as diferentes posições relativamente ao saber “estar” no Futebol.

No dia 1 de Fevereiro de 2012, ocorreu um episódio de violência no estádio de Futebol. A origem quando o árbitro deu por terminada a partida entre as equipas do Al-Masry e do Al-Ahly, onde centenas de adeptos do Al-Masry invadiram o relvado, numa tentativa de agredir adeptos e jogadores da equipa do Al-Ahly. O resultado desses incidentes foram a morte de 74 pessoas na sequência da violência registada. Ainda como resultado final, o Diretor de Segurança, Essam Samak, da cidade Egípcia de Port Said, foi demitido. Uma das pessoas que ficou por ficar ferida foi o treinador Português Manuel Jose, treinador do Al-Ahly, onde afirmou que chegou “a levar pontapés, murros”, afirmou ainda que muitos dos adeptos visitantes “chegaram a entrar na cabina de forma a protegerem-se”. Afirmou ainda que a culpa era dos soldados, “havia dezenas deles e polícias também. Desapareceram todos, era o caos completo.” De acordo com balanço oficial feito pelas autoridades, pelo menos 74 pessoas morreram e outras 248 ficaram feridas nos violentos confrontos. Se ainda não fosse suficiente este acontecimento a violência, estendeu-se às ruas de Port Said, mas também ao estádio do Cairo onde se disputava o encontro entre o Al-Ismailiya e o Zamalek. Foi considerada a maior tragédia registada em estádios de futebol desde a que ocorreu na Guatemala em 1996 onde na altura morreram na altura 82 pessoas.

A seguir a estes acontecimentos, começaram as acusações entre os partidos, onde acusaram o partido do poder de “serem responsáveis pelos incidentes naquele estádio”, onde os acontecimentos neles ocorridos foram “planificados” e de serem “uma mensagem dos partidários do antigo regime”, disse o deputado Essam Al-Erian, o qual pede que os Responsáveis da segurança “assumam plenamente as suas responsabilidades”.

Joseph Blatter, presidente da FIFA, falou sobre este dia fatídico o qual nomeou como “dia negro para o futebol”, mostrando-se muito chocado e triste por saber que um grande número de adeptos morreram, “Uma situação tão catastrófica é inimaginável e nunca deveria ter acontecido”. A Federação Egípcia de Futebol decidiu suspender de imediato e por tempo indeterminado, o campeonato da primeira divisão.

Já em janeiro de 2013 um evento organizado pela Igreja Universal do Reino de Deus, num estádio de Futebol, acabou em tragédia. O motivo apontado foi a superlotação do evento. 16 Mortos e 120 pessoas feridas. Pessoas foram esmagadas contra os portões do Estádio Cidadela. Os responsáveis pelo evento, neste caso Ferner Batalha, afirmou que

“os números reais superaram as nossas expectativas, que apontavam para 70 mil pessoas”.
Informações reais apontavam para cerca de 250 mil pessoas.

2.3.1.2. União Europeia – Violência Associada ao Desporto

O conselho europeu para o desenvolvimento desportivo criou normas e princípios para que estes fossem aplicados no desporto. A prevenção e repressão do vandalismo foram as primeiras medidas a serem tomadas em 1997 (Jornal Constitucional, 193, de 24.06.97 (pág. 1)).

Em 1999 é criado o Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia, uma cooperação estreita entre o Observatório e o Conselho da Europa. (n.º 3 do artigo 7.º do Regulamento (CE) n.º 1035/97 do Conselho).

Também em 1999 é elaborado um manual com recomendações para a cooperação policial internacional (Jornal Constitucional, n.º 196, de 13.07.99), onde estabelecia medidas de prevenção e luta contra a violência e os distúrbios associados aos jogos internacionais de futebol. Este foi alterado em 2002 (Jornal Constitucional, n.º 22, de 24.01.2002).

Mais recentemente, em 2006, um novo manual veio ser implementado com novas normas e recomendações para a cooperação policial internacional. (JC, n.º 322, de 29.12.2006).

Novas medidas vem ser implementadas e alteradas, (JL, n.º 155, de 15.06.2007) em 2007, “decisão 2007/412/JAI, do Conselho, de 12 de Junho de 2007, que altera a Decisão 2002/348/JAI, relativa à segurança por ocasião de jogos de futebol com dimensão internacional”.

2.3.2. O que acontece a nível Nacional

Um dos problemas que é constantemente observado nos estádios de Futebol é o lançamento de engenhos pirotécnicos.

A própria UEFA abriu vários processos sobre esses acontecimentos, tornando responsável os adeptos dos clubes, onde o engenho foi lançado, mas formalmente é o clube o responsável por esses atos. Um dos casos recentes sobre este problema sucedeu ao Sport Lisboa e Benfica, o clube foi notificado e informado de que caso houve-se

acontecimentos iguais, o Clube seria sancionado ao ponto da interdição do Estádio da Luz para a Liga dos Campeões. O clube até ao momento por assuntos relacionados com estes acontecimentos já tinha pago mais de 85 mil euros, onde 40 mil foram pelo lançamento de três petardos no jogo contra o Futebol clube de Barcelona.

2.4. Diferenciar o Safety do Security

Cunha (2007) define que a “Gestão da Segurança compreende duas vertentes que são claramente diferenciáveis na língua inglesa: *Safety* and *Security*”.

O “*Safety*” está mais vocacionado para os procedimentos e comportamentos da integridade física das pessoas, que o próprio autor define como de “Prevenção e Acautelamento”.

O “*Security*” engloba aspetos relativos á proteção de valores e da ordem pública, onde a responsabilidade incide sobre todas as forças de Auxílio e de Defesa, como por exemplo bombeiros, polícias, etc. Estes são os que tem relevância no estudo.

2.5. A Segurança de Multidões

O controlo de multidões e outros assuntos relacionados têm sido um tema de preocupação para os Diretores de Segurança nos Estádios. Desde a tragédia na Final dos Campeões Europeus, em 1985, e de outro acontecimento em 1991, numa cidade de Nova York onde num jogo entre faculdades, originou 8 mortos e 29 feridos, que a conceção e implementação de políticas de controlo de multidão poderia ajudar a prevenir esses acidentes.

Smissen (1990) clarifica que a “Previsibilidade de um determinado episódio só é plausível ou previsível em determinadas circunstâncias”, é nesse sentido que o controlo de multidões tem que ser encarado, como um conjunto de pessoas, de diferentes raças e credos mas que se deslocam a um local para partilhar um misto de emoções semelhantes e de um certo modo idênticas.

Smissen (1990) esclarece ainda que, “O profissional razoável e prudente deve ser capaz de prever as circunstâncias de um perigo para os intervenientes”, sem nunca descuidar o bem-estar e sem por em causa a realização do evento. Será também importante clarificar que o Diretor de Segurança não é responsável por atos ilícitos intencionais,

como uma agressão física, a menos claro que haja previsibilidade, como por exemplo, a entrada de um elemento do clube adversário entrar na mesma zona da claque de outro clube adversário.

O controlo de multidões é cada vez mais importante na estratégica da organização de eventos. A complexidade dos dados e dos padrões rigorosos de comunicação vão muito além do planeamento nas áreas do espetáculo. Áreas como aeroportos, estradas, estações de metro e de comboio, “*fan parks*”, e as próprias ruas da cidade têm de ser tidas em conta no que diz respeito á segurança. O sucesso do evento e por vezes a boa reputação do promotor do evento depende da segurança oferecida, onde a facilidade de se deslocar por todo o evento, sem obter transtornos, garante a satisfação e torna a experiencia num momento único e memorável ao espetador.

O controlo de multidões é essencial em todo o conceito de execução dos processos de instalações permanentes, as estruturas temporárias, infraestrutura, pontos de controlo e centros de transportes são pontos que devem estar sempre equacionados.

O objetivo é garantir que os eventos sejam proveitosos para os espetadores, que se tornem momentos únicos e experiencias muito especiais, pela positiva, e o que se espera é que sejam geridos eficientemente e que também possam acomodar um número elevado de pessoas com segurança.

2.6. Movimentos do espetador

Para se ter um plano eficaz, deve-se estar ciente das características do público atraído por um determinado evento. Uma vez que o operador da instalação, o comandante de polícia e promotor de eventos conhecem seu público, são eles que devem decidir em conformidade o plano de ação.

O Sociólogo Dr. Irving Goldaber apontou que as “pessoas têm várias maneiras de perceber o ambiente e os vários “sinais sociológicos” que recebem num evento, consciente ou inconscientemente, pode levar ou não para um nível de emoção protetora e influenciar o seu comportamento.

Um exemplo que pode ter uma importância extrema no que diz respeito a um grande evento, é a entrada da multidão para o mesmo. Se todas as tarefas forem bem delineadas,

se a comunicação do exterior, para o interior, estiver em sintonia, a entrada é feita ordeiramente e sem grandes problemas.

A política de abertura de portas nem sempre se adequa as necessidades da multidão. Nesse sentido, podemos verificar pontos pertinentes relativamente, á informação que é transmitida, quanto a mudanças, atrasos e as razões para os mesmos. Citando um proverbio Português, “quem espera, desespera”, e são mais as vezes que não pensamos nas pessoas que estão a espera, que querem entrar no evento, do que nas pessoas que tem paciência para esperar.

Centenas de milhares de eventos são realizados a nível nacional e poucos, se houver, têm problemas. No quadro seguinte podem ser vista o número de espetáculos ao vivo e o numero de espectadores médio (em Milhares), em Portugal:

Ano	Eventos	Espectadores
2005	24.471	9.038
2006	24.717	8.804
2007	27.650	9.805
2008	30.581	11.104
2009	28.809	10.138
2010	30.088	10.161
2011	25.871	8.484

Fontes: INE, 2012-11-28

Tabela 1- Número de Espetadores e Eventos

Pelo quadro anterior, podemos verificar que nos últimos anos houve um acréscimo de espectadores. Contudo podemos verificar que no último ano houve um decréscimo dos mesmos, de cerca de 17%. Os mesmos dados servem apenas de informação, sem encontrar razão aparente para encontrarmos uma explicação para essa diminuição.

Na literatura revista para este estudo, verificam-se alguns problemas que se encontram diretamente ligados a esta diminuição. O primeiro diz respeito ao fraco poder económico que a maioria das famílias Portuguesas possuem atualmente, o local dos eventos, que por vezes se encontra afastado de mais para os espetadores se deslocarem até ao mesmo, os custos associados ao transporte para esse evento, as coberturas televisivas, que permite aos interessados no evento ficarem em casa a visualizar o evento, e por fim

outro aspeto equacionado diz respeito a segurança nesses eventos, onde se salienta o “medo” e a “insegurança” dos espetadores enquanto a ida aos mesmos.

Ao longo dos anos, novas e inesperadas situações de risco e de insegurança foram aparecendo. Nos Estados Unidos da América (EUA), estima-se que entre 5% a 7% dos espetadores em eventos desportivos possui uma arma (não significa que seja uma arma de fogo).

Goldaber, sociólogo Americano, fala de quatro tipos de condições que podem criar problemas entre multidões:

- Problemas criados por uma multidão dentro do evento;
- Problemas criados por uma multidão fora do evento;
- Desordem pública;
- Catástrofes ambientais.

Estas ameaças devem ser consideradas pelos responsáveis da gestão de multidões, sendo a última mais difícil de controlar, por razões óbvias, mas onde cada vez mais os meios tecnológicos e científicos evoluem no sentido de antecipar os mesmos.

2.7. Os Espaços

Sobre o ponto de vista da segurança os estádios de futebol são locais críticos porque acomodam multidões e também porque, dada a natureza da sua utilização, tornam-se ambientes emocionais, principalmente em dias de jogo.

Pensando de uma forma mais clara e simples, se vamos a esses locais ver os nossos ídolos e se eles se comportam de forma violenta, na relação que tem entre os seus colegas de profissão, porque não posso eu também fazer o mesmo com os adeptos da outra equipa? O desporto, para Norbert (1992), é visto como “uma forma de confronto físico de tipo relativamente não violento”, assim deveria ser mas fatores extrínsecos condicionam a mentalidade de quem o pratica e de quem o dirige, sempre no sentido de obterem resultados, atingindo assim o fim sem se preocuparem com os meios.

Casos como Lori Sandri, que num jogo em Recife pelo Campeonato Brasileiro, foi expulso após fazer gestos ofensivos contra o árbitro assistente. Se isto ainda não fosse o suficiente, no final do jogo, o treinador empurrou um dos policiais que o protegia dos

objetos atirados pela claque e foi preso, por “desacato a autoridade”. Estes acontecimentos não são de estranhar no nosso dia-a-dia, até se podem considerar o “pão nosso de cada dia”.

Será necessário demonstrar que não cabe só aos jogadores darem o exemplo, mas sim todos os profissionais no mundo do desporto, neste caso do futebol, que devem compreender e ter presente o respeito pelo adversário e os restantes agentes envolvidos no espetáculo desportivo.hkm

Tavora (2008) aborda no seu estudo que a violência presente no Futebol pode ser vista pelo ponto de vista “intrínseco”, bem como do “extrínseco”. A violência extrínseca, tem a sua origem de fora para dentro e provocada principalmente pelas claques organizadas, onde se torna o principal problema, uma vez que a quantidade de pessoas envolvidas é muito grande, dificultando, o trabalho da polícia.

2.7.1. A Gestão da Segurança

A gestão da segurança no desporto envolve um posicionamento diferente, no que diz respeito aos conceitos de segurança. O próprio desporto, dado que é uma atividade que comporta riscos, tem a necessidade de dividir e conhecer esses fatores de risco.

Cunha (2007) define três fatores, o primeiro diz respeito ao comportamento dos intervenientes, adeptos e espetadores, o segundo do doseamento das ações, e por último a probabilidades de ocorrência de acidentes.

O conhecimento dos mesmos faz com que os mesmos possam ser evitados ou minimizados, “constituindo as necessárias respostas, por preparação prévia e pela criação de respostas automatizadas e formalizadas, para a respetiva remediação e socorro” (Pag. 401)

Existe um conjunto de Legislação relativa à Segurança nas Instalações Desportivas, que vem descrito no livro “Os Espaços do Desporto – Uma Gestão para o desenvolvimento humano”, 2007, na página 403 e 404. Este conjunto de Normas e Leis só fornece um conjunto de ideias e regras para que os gestores de instalações desportivas se apoiem nelas para fazerem cumprir as normativas a eles associados.

Será também importante perceber alguns conceitos ligados á Segurança. Contudo o tema de estudo e o intuito do mesmo não é focar pontos de interesse mais relevantes para engenheiros civis ou arquitetos, como vias de acessos, medidas, normas de evacuação, entre outros diplomas que não se enquadram no objetivo do estudo. Mesmo assim saliento alguns decretos e leis que são relevantes para os estádios.

O Decreto Regulamentar n.º 10/2001 de 7 de Junho, o qual formaliza as condições técnicas e de segurança dos estádios, regulamenta alguns espaços, expondo as funções dos mesmos.

O Decreto Regulamentar n.º 34/95 de 16 de Dezembro que estabelece o regulamento das condições técnicas e de segurança dos recintos de espetáculos e divertimentos públicos.

2.7.2. Os Recintos

Cunha (2007) define que todos esses locais se “destinam a assegurar a funcionalidade nas intervenções, o estacionamento de forças e respetivos meios de socorro ou guarda, bem como o armazenamento dos principais meios de intervenção.”.

Em todos os estádios, existem locais específicos destinados a um determinado fim, onde muitos deles têm a característica de funções de segurança, de prevenção e acautelamento.

2.7.3. Centro de comando das instalações e Posto de Segurança

Existem porém outros recintos com funções específicas diretamente relacionados com as funções de segurança como é o caso da central de comando das instalações de segurança, que são estipuladas neste diploma e também noutros:

O Decreto Regulamentar n.º 10/2001 de 7 Junho esclarece no nº1 do artigo 27º “que os estádios das classes A, B e C devem dispor de um espaço com localização central e possibilidades de controlo visual de todo o recinto, que se deve constituir como centro de comando das instalações”, estas salas de comando estão equipadas com as várias tecnologias, onde tem uma função de monitorização dos sistemas de videovigilância. Neste local, em dias de evento, estão presente os diferentes agentes envolvidos no evento, “ forças de segurança e serviços de bombeiros ”

Relativamente a segurança nos recintos de espetáculos e divertimentos públicos, que vêm regulamentados no Decreto Regulamentar n.º 34/95 de 16 de Dezembro, é definido no artigo 253º um local que se designa de “posto de segurança”.

Artigo 235.º (Posto de Segurança)

1 – Os recintos devem ser dotados de um posto de segurança sempre que exigido pela DGESP ou pela Câmara Municipal quando a categoria ou as atividades neles exercidas o justifiquem.

2 – O posto de segurança deve possuir acesso fácil e ser localizado, sempre que possível, ao nível de chegada dos meios de socorro exteriores.

3 – No posto de segurança devem ser instaladas as centrais de alarme quando existam, bem como os dispositivos de comando manual das instalações de segurança do recinto.

4 – O posto de segurança e os seus acessos devem ser protegidos contra um incêndio que ocorra no recinto.

5 – No posto de segurança deve ser instalado um posto telefónico, ou qualquer outro meio de transmissão, rápido e fiável, de alerta aos meios de socorro e de intervenção.

6 – Nos recintos desportivos de grandes dimensões, o posto de segurança deve ser localizado, dimensionado e equipado como central de comando unificado das entidades afetas à segurança.

2.7.4. Os Indicadores de Segurança

Cunha (2007) esclarece que existem “*indicadores de segurança*”, que revelam informações importantes quer para o “*gestor, quer para o próprio utilizador das instalações e espaços desportivos*”, estes são de extrema importância e a sua análise não pode ser descuidada, os mesmos dizem respeito a termos físicos e funcionais.

Em termos **físicos**, referem-se a:

- Informação sobre o número de Acessos, a capacidade de débito à entrada e à saída (n.º de unidades de passagem).
- Características técnicas do edifício, neste caso espaços de atividade e desafogo, número de bocas-de-incêndio/m², extensão dos corredores, escadas e saídas de emergência, etc.
- Existência de áreas de socorro.
- Proximidade à Hospitais e restantes instituições de socorro.

Em termos **funcionais**, podem considerar-se:

- Serviço de segurança permanente ou provisórios, estes caso sejam necessários para a realização do evento.
- O registo do n.º de acidentes ocorridos no interior da instalação;
- A existência e facilidade de acesso a mecanismos de guarda de valores individuais;

2.7.5. Novas tecnologias

Begert (1998) no seu estudo informa-nos de várias de tecnologias audiovisuais, como é o caso do circuito fechado de TV (CCTV), conexões “*Wireless*” para a Internet, facilidades para a televisão e rádio, controle administrativo-operacionais e o controle de fluxo de público, esclarecendo que são fatores fundamentais para a criação de novas instalações desportivas e para a segurança das mesmas.

A Segurança é um enorme desafio para as organizações, por isso deve ser sempre tida em conta. Nesta década o Brasil vai receber 2 grandes eventos desportivos, que arrastam multidões dos mais diversos pontos do planeta, misturando-se culturas e raças e diferentes países juntos num só espaço, onde a multiculturalidade se manifesta em grande escala, esses eventos são Mundial de Futebol que se realiza em 2014 e os Jogos Olímpicos a realizar em 2016.

As organizações dos eventos em cooperação com as autoridades do Rio de Janeiro estão a montar um centro de operações equipado com as tecnologias mais recentes de maneira a conseguirem controlar tudo o que se passa na cidade.

Esses monitores reproduzem em tempo real as imagens de pontos estratégicos e os quais foram pensados pelas autoridades como “pontos chaves” para o controle de multidões.

No principal centro de operações, as vinte esquadras partilham espaço para que o uso da informação recebida, seja processada o mais rapidamente possível. A qualquer instante os operacionais que ai se encontram recebem a informação, ao segundo, sobre os níveis dos rios, sobre o tempo, o funcionamento dos transportes públicos e muito mais.

Carlos Osório, Secretário Geral do Comitê Organizador Rio 2016, elucida-nos do sistema em causa, “Esta parede vídeo é a maior da América Latina. Usa tecnologia mais recente e aqui temos todas as operações da cidade registadas e visualizadas. E podemos modificar esta tela, quando os acidentes específicos ocorrerem na cidade. É uma tecnologia audiovisual mais avançadas, que vai ajudar realmente os operadores a tomar decisões rapidamente”, as novas tecnologias são fundamentais no apoio e na realização do Campeonato do Mundo de Futebol em 2014.

O sistema já foi testado durante o último Carnaval (2012), para perceber o funcionamento do mesmo e como este se comporta.

De referir ainda que todas as realizações desportivas, que assim achem conveniente, vão ser monitorizadas, para perceber se as multidões se podem deslocar em Segurança.

Em muitos eventos, não existe infraestruturas para que existam camaras que serviam de suporte para o controlo dos espetadores. Para essas situações, foi criada uma alternativa que para além de ser viável, é muito eficaz. Os balões com camaras operativas. Estes balões servem para sobrevoar a área do evento captando imagens e auxiliando o coordenador de Segurança para uma possíveis locais problemáticos.

Os novos estádios tem que na sua construção, apresentar os locais onde vão ser colocadas as camaras, e os locais mais estratégicos para a mesma colocação.

2.8. Mecanismos

No controlo de multidões em eventos, será de destacar os mecanismos que os promotores dos eventos têm ao seu dispor para efetuar o controlo da multidão. Esses mecanismos passam pela Bilhética/Ingressos, pela Triagem, pelo Controlo da dispersão, a

Comercialização de produtos para os diferentes géneros e Outros que englobam drogas, álcool e entre outros produtos proibidos.

2.8.1. Bilhetes/Ingressos

A venda ou aquisição dos mesmos pode se feita por vários meios. Nos locais habituais, como bilheteiras do evento, bilheteiras *online*, outros locais de venda (por exemplo parceiros do evento) e até vendedores de rua.

Contudo, existem problemas quanto a venda de bilhetes, para colmatar essas dificuldades é importante abordar dois pontos, primeiro a data, a hora e local que os bilhetes são colocados à venda e que não deve ser anunciado antes do tempo que os bilhetes são postos à venda, e o segundo diz respeito a quantidade de bilhetes, que nunca deverá ultrapassar a capacidade de assentos disponíveis, ou capacidade de segurança, e nesse sentido é necessário um sistema de paralelismo de vendas de ingressos.



Figura 2 - Bilhetes

Os avanços tecnológicos tornam claro que cada vez mais se torna fácil a clonagem de um bilhete ou de uma credencial. Impressoras e sistemas operativos idênticos facilitam os processos dos mesmos, nesse sentido foi necessário tornar cada bilhete “único”. Existem diferentes formas de tornar um bilhete único, como por exemplo a cor dos mesmos, a forma, associar aos mesmos código de barras, verso com caracteres especiais, bilhetes com número de serie, etc., onde o principal objetivo é colmatar e diminuir a possibilidade de fraude.

O fluxo, no que diz respeito ao aglomerado de multidões, é outros pontos que os bilhetes tentam colmatar, criar mais entradas, faz com que esse “tráfego” diminua, seja

mais eficiente. Se nos bilhetes existir informação da porta de entrada, e pensando numa relação de proporção onde em cada porta passam a entrar um “X” número de pessoas, desviando de outra esse aglomerado, faz criar maior sinergias e menor resistência de fricção e de espera.

Limitar entradas usando menos portas, ou abrir e fechar portas para controlar o movimento multidão são práticas muito perigosas. Elas só servem para aumentar a ansiedade na multidão/espetadores o que vai tornar mais difícil de gerir. É muito mais eficaz separar as pessoas em uma multidão usando várias entradas, por filas, e, prevendo a proporção adequada de compradores de ingressos para essas respetivas portas. Dispersar multidões que entram através de multi-entradas é particularmente eficaz no tratamento de pessoas de forma eficiente a uma instalação.

2.8.2. Triagem

A triagem faz parte do controle de multidões e esta é efetuada de várias formas. Primeiro facilita a examinação dos espetadores, onde garantem a segurança dos mesmos através da examinação dos sacos, mochilas, bolsas, casacos, etc.. A examinação também pode e deve de ser feita através de detetores de metais, ou máquinas de Raio X. Em Portugal estes últimos casos não são muitos utilizados.

Telas, cartazes, t-shirts, bandeiras, entre outras formas de expressão também podem ser consideradas de atos de violência, neste caso de incentivo á violência. As mensagens que por vezes carretam e transmitem palavras de carater racista, xenóforas ou obscenas contribuindo para um aumento de tensão entre pessoas que se sintam ofendidas com as mesmas.

A triagem dos adeptos é efetuada por zonas delimitadas dentro do recinto desportivo. Geralmente essas zonas estão definidas através de baias de segurança, num sentido de estreitar e tornar numa fila única os espetadores do evento tornando mais fácil a examinação dos mesmos no que diz respeito ao rastreio de itens perigosos, como armas, facas, objetos pirotécnicos, álcool, drogas e outros objetos e substâncias indesejáveis. É vista como uma norma de segurança no que diz respeito a confiscação de armas antes entrar no estádio. Através da observação dos procedimentos em eventos podemos encontrar 3 tipos de filas para a controle de espetadores, as filas lineares, as em filas em grosso e as filas em Zig-Zag.

Nas filas lineares, os espetadores forma uma fila única, tornando o controlo dos espetadores mais rigoroso e específico, onde a pesquisa, através de vários mecanismos, como apalpação, detetores de metais e RaiosX, permite uma maior verificação da entrada de materiais perigosos.



Figura 3 - Fila Linear

As filas em grosso, não existe um controlo prévio, nem qualquer tipo de inspeção dos espetadores e do que transportam, é caracterizada por uma massa amorfa.



Figura 4 - Fila em Grosso

As filas em “Zig-Zag” têm uma função de criarem menos conflitos no que respeita a entrada dos espetadores, fazendo com que o espetador fique menos ansioso sobre sua entrada, podendo avaliar o período de tempo que vai faltar para entrar, à medida que progredem numa linha. Também ajuda as pessoas responsáveis pela examinação dos espetadores. Este tipo de fila também permite efetuar um maior controlo e verificação dos espetadores, tal como os da fila linear.



Figura 5 - Filas em Zig-Zag

O tipo de fila pode ser usado, juntamente com os outros procedimentos, como uma forma planeada de minimizar os distúrbios entre espetadores fora da instalação.

2.8.3. Controlar o processo de dispersão

O fim de todos os eventos é caracterizado pelo abandono do local onde o evento ocorreu de um modo geral se torna comum em todos os eventos. É um processo que se caracteriza pelo fim do espetáculo, onde uma massa de espetadores se desloca para as respetivas saídas. Se a dispersão dos espetadores não for bem distribuída pode acontecer uma superlotação de pessoas nesses pontos, condicionando e colocando em perigo os espetadores.

Ward (2002), aponta que nos Estados Unidos da América (EUA) para atenuar esse problema, resolveram colocar grupos musicais a tocar no final do evento principal, bem como fogo-de-artifício, ou vídeos de momentos particulares nos ecrãs gigantes, fazendo com que os espetadores fossem saindo pausadamente e diminuindo a superlotação.

2.8.4. Comercialização de produtos para os diferentes géneros

É claramente observável que os homens mais jovens são mais propensos a se envolver em comportamento violentos.

No estudo de Russell e Mustonen (1998), revelam-nos estatísticas que apontam para que 61,1% dos espectadores na Finlândia são masculinos, e onde 4,7% já se envolveu em conflitos antes, durante ou no final de um evento, e onde 2,7% já foram presos pelo mesmo motivo.

Ward (2002) conclui que é fundamental promover a participação de mais "pacificadores", transformando o evento como uma experiência familiar pode ajudar a

reduzir a probabilidade de violência. Alguns eventos já dispõem de estes pacificadores, que não são mais do que atrações para promover o espetáculo e quebrar tempos mortos, como mascotes, “*cheerleaders*”, bandas musicais, speakers interativos, entre outros, mantendo assim os fãs ocupados e tornando o evento divertido e atrativo para todos.

2.8.5. Recusar a entrada de espetadores conflituosos

Todos têm o direito de aplaudir, gritar e certamente promover o espetáculo, mas desviar e isolar espectadores agressivos pode prevenir incidentes de violência.

As medidas deveriam ser severas, onde espetadores que se envolvam em violência ou que tenham comportamentos mais perturbadores nas instalações, deveriam ser banidos do evento, e em algumas situações deveria ser proibido de entrar em qualquer evento.

Na Inglaterra adeptos mais violentos ou que tenham sido considerados agressivos e tenham sido considerado culpados, são obrigados nos dias de jogos a apresentarem-se na esquadra á hora do jogo para evitar que os mesmos possam causar problemas nesses espetáculos desportivos.

2.8.6. Outros

O abuso de drogas e álcool é uma crise nacional, e não apenas um problema em determinados eventos (culturais e desportivos). Essa verificação não significa que o problema diminui em determinados eventos, como por exemplo em eventos musicais ou outros eventos onde os clientes usam drogas ilegais ou abusam de bebidas com álcool.

A tarefa de fazer cumprir as leis de drogas e álcool em grandes eventos, sem violar os direitos dos indivíduos, é complexa e por vezes opressiva. Novos métodos e mais justo de fazer cumprir as leis são necessários. Esta é uma área onde os operadores das instalações e agências de aplicação da lei devem cooperar, independentemente da posição social ou de qualquer outras ideologia política, fazendo cumprir a lei e transmitir as relativas consequências de violar a lei.

A maioria dos eventos não permite que os espetadores tragam o seu próprio álcool para dentro do recinto. Na década de 90, nos EUA em alguns eventos existiam “espectadores que bebiam bebidas alcoólicas até ao ponto de ficarem bêbados. Para evitar esse problema, foram criadas normas e leis no sentido de proibir excessos, para que cenas

de violência associadas ao alcoolismo deixassem de existir nos eventos. Além disso, as bebidas começaram a ser servidas em copos de plástico em vez de recipientes de vidro, garrafas sem tampas evitando assim que estes recipientes de bebidas se convertessem em armas.

A venda de bebidas alcoólicas em alguns eventos onde o público por vezes pode ser conflituoso, tem de ser equacionada, de maneira a minuir a percentagem de conflitos na multidão. Quando essas condições existem os efeitos do abuso de álcool tornam-se reais e violência ocorre através de um alto nível de excitabilidade. Muitas organizações proibem a venda de bebidas alcoólicas, mesmo reduzindo o lucro, mas proporcionando um ambiente mais calmo e pacífico, transmitindo uma preocupação com a segurança de seus clientes.

Existe ainda um vasto leque de objetos que são proibidos de levar para dentro de um recinto desportivo. Existem cartazes que informam quais são esses objetos proibidos e causadores de insegurança nos adeptos.

O comportamento antidesportivo, não corresponde às ideias subjacentes do desporto moderno, resumindo, o *“fair-play”*. O desporto moderno, aquando do seu surgimento no século XIX, era considerado como um meio adequado para educar os jovens dentro dos valores mais nobres da sociedade. Valores como a lealdade e justiça, a igualdade de oportunidade, o cumprimento das regras, o saber ganhar e o saber perder, o respeito pelos diversos intervenientes no processo desportivo, em conjugação com o *“fair-play”* e o movimento voluntário, formam os fundamentos tradicionais do desporto e que deveriam estar associados à noção de espírito desportivo. (Código da Ética Desportiva, 1992)

Cada vez mais o contacto com comportamentos agressivos e violentos é hoje situação corrente em todo o mundo; a eles temos acesso através dos diferentes órgãos de comunicação social, bem como através das redes sociais (facebook e twitter). Manifestações socioculturais, manifestações de racismo e xenofobia são elementos, cada vez mais, presentes nos eventos/espetáculos desportivos.

Em Portugal e na Europa, os governos têm procurado essencialmente através de medidas legislativas combater as diferentes áreas de conflitualidade no desporto. Normativas criadas ao longo dos últimos tempos – neste caso mais de 25 anos – têm não

só tentado prevenir e inibir acontecimentos antidesportivos, mas também procurado melhorar as condições de segurança das instalações desportivas.

Em todos os estádios, bem como outros locais de domínio desportivo, deveriam existir cartazes a elucidar os regulamentos desses locais e quais os materiais proibidos de levar para esses espaços. Estes deveriam fazer parte integrante desses locais, e estarem distribuídos e ao alcance visual dos espetadores, no intuito de informar os espetadores dos objetos proibidos. Na figura 6, podemos verificar dos exemplos do que considero um bom exemplo de informação sobre o assunto. Na figura podemos verificar um dos vários cartazes que se encontra distribuídos no Estádio do Sport Lisboa e Benfica, e no qual é possível visualizar o regulamento interno do estádio, em Português e Inglês, e os objetos que são proibidos de serem levados para dentro de Estádio.

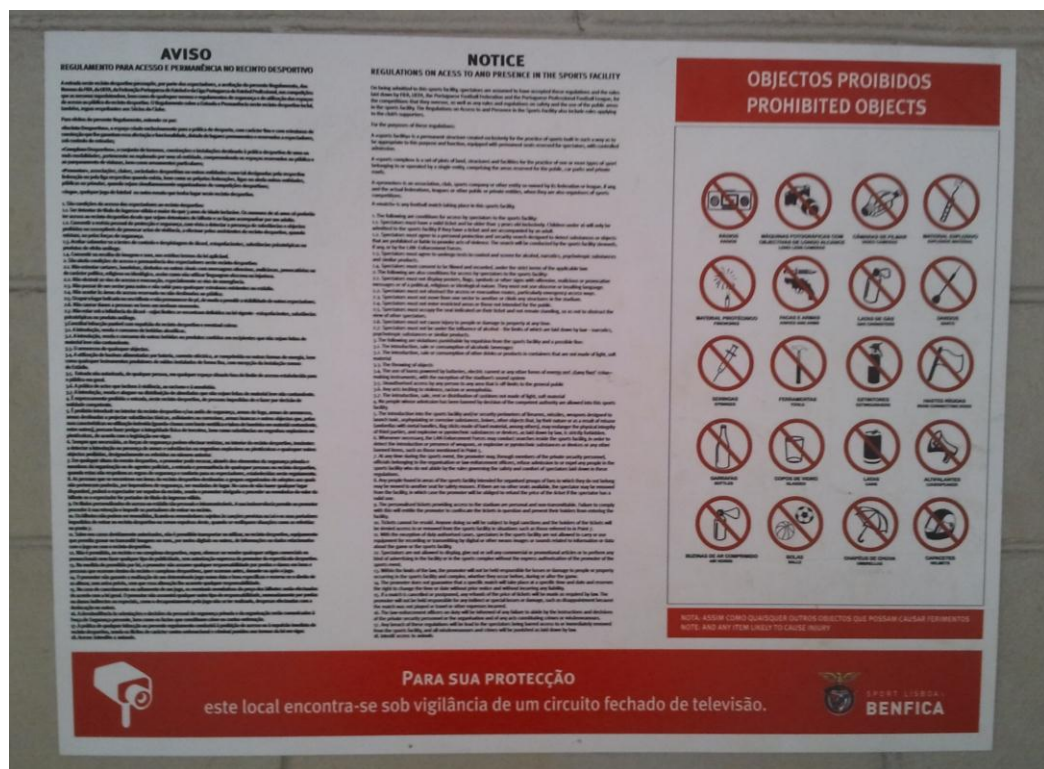


Figura 6 - Objetos Proibidos

2.9. Educação Pública & Segurança

O ponto inicial de qualquer formação são as escolas. É aí que começam os primeiros passos no que diz respeito a nossa personalidade e ao convívio/vivência com as demais pessoas. Se aprender a ler e a somar é importante para o resto da nossa vida, o

saber lidar com as pessoas e o “saber estar” também é importante, por isso a educação tem um papel importante no que concerne ao enfrentar de muitas situações que representam sérias ameaças à nossa segurança pessoal.

Numa fase mais adulta, os cursos e as formações sobre multidões são importantes, para todos os intervenientes num espetáculo, e nem sempre as mesmas acontecem.

Existem formações que todas as escolas públicas e privadas deveriam ter, ou fazer, pelo menos uma vez por semestre, por exemplo o Cursos de primeiros socorros. O porquê deste curso é simples, todos nos em algum momento da nossa vida podemos precisar de auxiliar uma vida, e se tivermos acesso a essa formação será mais inteligível efetuarmos esse procedimento.

A educação sobre a dinâmica de multidões e o papel dos indivíduos na multidão é extremamente necessário numa base nacional. As consequências dos diferentes modos de comportamento individual e de grupo devem ter igual importância como outros programas de segurança por agências governamentais, educacionais e de serviços públicos.

Está na hora de incluir esta preocupação de segurança em escolas e outras entidades pública ou privadas.

A formação de clubes, levada a efeito por pessoas interessadas como espetadores ou executantes numa ou noutra das suas variedades, representa um papel crucial no desenvolvimento do desporto.

A comunicação social também podem desempenhar um papel significativo na educação pública, através da promoção de características especiais, programas e anúncios de serviço público relativas à segurança multidão e responsabilidades pessoais e de grupo, podendo ajudar a evitar riscos de segurança presentes em grandes eventos, como o uso de armas de fogo, armas brancas, objetos pirotécnicos, entre outros objetos que são proibidos levar para dentro de um evento.

2.10. Leis Associadas a Violência no Desporto

Através de leis e sua aplicação, o governo local influencia o caráter de gestão de eventos, estabelecendo construção e códigos de segurança e por determinação da capacidade instalações, configurações de assento, e outros itens relacionados.

Governo também influencia um evento, não só através das leis, mas também pela maneira pela qual presta serviços.

Em 25 de Fevereiro de 2011, o Governo admitia a revisão da lei no que diz respeito ao combate da violência nos eventos desportivos. Essa revisão a lei nº 39/2009, de 30 Julho para além de focar o combate à violência foca também outros pontos como o racismo, à xenofobia e a intolerância nos espetáculos desportivo, com o intuito de “traduzir-se na melhoria da segurança nos recintos desportivos”, elucida Conde Rodrigues, Secretário de Estado Adjunto e da Administração interna.

Conde Rodrigues referiu a necessidade de “trabalhar na revisão de toda esta área do policiamento desportivo e mesmo dos meios de atuação policial”. A videovigilância foi um dos aspetos que Conde Rodrigues focou como “instrumento que podia ter uma boa aplicação”, permitindo a identificação dos agentes prevaricadores e reunir elementos de prova.

Admitiu também que é preciso melhorar “a articulação entre todos os intervenientes” e lembrou que a iniciativa legislativa se baseia na prevenção e na repressão, acrescentando, todavia, que «a lei está a dar os primeiros passos» e que «não se pode estar sempre a alterar uma lei quando há um problema».

2.10.1. Entre 1940 e 1970

Em 1943 surge o Regulamento Geral da Direcção-Geral da Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, mais precisamente o decreto nº32 946 de 3 de Agosto de 1943, que se manteve definido até 1974.

Neste decreto podia constatar cinco artigos relevantes para a Segurança do espetador, Artigo 54.º, 55.º, 74.º, 85.º e 88.º. O artigo 54º abordava que “O policiamento dos campos e recintos onde se realizem competições desportivas ficará a cargo do organismo proprietário daqueles ou da entidade organizadora da competição”, já nesta altura

pretendiam que o promotor do evento fosse o responsável por garantir meios e mecanismos pela segurança dos espetadores. O artigo 55.º também focava o que foi dito anteriormente onde seria obrigatório “a assistência às competições desportivas de um delegado da entidade que as promove”. As infrações também eram punidas e as mesmas eram nomeadas, no artigo 74.º considerava-se uma “infração disciplinar o ato praticado voluntariamente pelos desportistas ou pelos organismos desportivos, com violação dos deveres regulamentares”. No nº1 deste artigo os foca que “os clubes podiam ser responsabilizados pelas infrações disciplinares cometidas nos recintos desportivos pelos seus adeptos, e no nº 2 dava responsabilidade também aos “seus filiados”. No nº3 do artigo 85º, era mencionada o valor da coima que podia ser aplicada aos prevaricadores bem como aos clubes, e em caso extremos o clube poderia, como vinha mencionada no artigo 88º, ser aplicada uma “interdição temporária dos locais de desporto”.

2.10.2. Entre 1970 e 1980

Entre 1974 e 1980, foi altura dos despachos. Por ordem cronológica, o primeiro despacho foi um despacho conjunto MAI/SECS/SEDASE de 29/08/74, onde estabelecia medidas de segurança em recintos desportivos. O segundo foi o despacho nº 26/74 do SED, de 03/12/74 que era constituído por normas interpretativas do despacho anterior. O terceiro despacho instituía medidas de seguranças passivas, tais como redes, vedações e construção de tuneis, e de segurança ativa, condições de interdição dos campos de jogo, o número do despacho era o 35/75, também um despacho conjunto do MAI, MCS e SEDASE de 15/04/75. Passado um mês surge outro despacho, o despacho nº 50/75 do SEDASE, de 12/05/75, que referia à responsabilidade disciplinar dos Clubes visitantes sobre os distúrbios e indisciplina cometida pelos seus adeptos.

O despacho 136/77, do PCM, MAI, MEIC de 22/05/77, estabelecia a constituição de um Grupo de Trabalho para efetuar estudos relacionados com a violência nos recintos desportivos e a elaboração de medidas de segurança.

2.10.3. Entre 1980 e 1990

Em 30 de Agosto de 1980, o decreto-lei nº 339/80 estabelecia um conjunto mínimo de medidas tendentes a conter a violência em recintos desportivos. Onde o mesmo institui-a uma Comissão Nacional de Fiscalização. Mas no ano seguinte, a 31 de

Julho de 1981, a Lei nº 16/81 vem alterar, por ratificação, o DL 339/80, de 30 de Agosto, onde estabelecia normas providências contra a violência nos recintos desportivos.

O despacho normativo nº 18/82, de 22.02.82, esclarecia que “para efeitos do disposto do artigo 13º do DL 339/80, de 30 de Agosto, as garrafas de vidro são consideradas como material contundente, constituindo portanto contravenção a sua introdução ou venda nos recintos desportivos.”.

Passado 3 anos, o decreto-lei nº 61/85, de 12 de Março, estabelecia normas de disciplina e ordenamento dentro dos complexos, recintos e áreas de competição desportiva, com o objetivo de prevenir e reprimir a violência nesses locais, revogando o DL 339/80, de 30 de Agosto e a Lei 16/81, de 31 de Julho.

Nesse mesmo ano é emitida uma portaria com o nº 210/85, que regulamentava os dispositivos de segurança dos recintos desportivos.

Em 1987, é emitida a lei nº 11/87 a qual deriva da aprovação da convenção Europeia sobre a violência e os excessos dos espectadores por ocasião das manifestações desportivas e nomeadamente de jogos de futebol.

Em 1989, o Decreto-Lei n.º 270/89, de 18 de Agosto, estabelecia medidas preventivas e punitivas de violência associada ao desporto. Mais uma vez é criada uma Comissão Nacional de Coordenação e Fiscalização.

2.10.4. Entre 1990 e 2000

Em 1990, a Lei 1/90, de 13 de Janeiro, mais conhecida por LEI DE BASES DO SISTEMA DESPORTIVO (LBSD), eram descritos 2 artigos sobre a segurança nos estádios ou eventos desportivos, o Artigo 2º - “Princípios fundamentais”, e o Artigo 5º - “Ética desportiva”.

Nesse mesmo ano, são emitidos 3 despachos. O despacho nº 22/ME/90, de 13.02.90, onde vinha descrito que os clubes eram obrigados a realizar obras caso os locais para a prática desportiva não apresentassem segurança para os espetadores. O despacho nº 103/90/SEC, de 26.06.90, estabelecia que eram obrigatórias vistorias aos estádios de futebol. O último despacho desse ano, o qual era um despacho Conjunto nº 195/MAI/ME/90, de 19.11.90, era emitido devido aos acontecimentos ocorridos em Faro

a quando de um jogo entre o Farense e FCP, a 18/11/1990, “ um relatório circunstanciado sobre os acontecimentos ocorridos em Faro, em 18.11.90, por ocasião do encontro de futebol Farense/FCP, a contar para o Campeonato Nacional da 1ª Divisão.”.

Em 1991, o despacho 4/ME/91, de 14.01.91, publicava o Relatório dos acontecimentos ocorridos por ocasião do jogo Farense/FCP, em 18.11.90 e determina diversos procedimentos a empreender por um conjunto com entidades oficiais, com a Liga de Futebol e a FPF.

A Portaria 371/91, de 30 de Abril, regulamenta as medidas de segurança nos recintos desportivos, revogando diplomas anteriores. Nesse mesmo ano, 1991, o despacho 51/ME/91, cria o Gabinete Técnico para as vistorias nos recintos desportivos, a funcionar na Direção Geral do Desporto, a fim de prestar apoio à Comissão Nacional de Coordenação e Fiscalização. Os pagamentos destas vistorias poderiam chegar aos 30.000\$.

Em 1992, com o Decreto-Lei n.º 238/92, de 29 de Outubro, onde o mesmo estabelecia o REGIME JURÍDICO DO POLÍCIAMENTO DE ESPETÁCULOS DESPORTIVOS, serviu para dar mais importância e mais segurança as forças policiais, e revogando o Decreto-Lei n.º 387/86, de 17 de Novembro, Decreto-Lei n.º 371/90, de 27 de Novembro e a Portaria n.º 1158/90, de 27 de Novembro, o decreto-Lei n.º 238/92, de 29 de Outubro foi retificado, nos termos da Declaração de Retificação n.º 189/92, publicada no DR, I-A, 2.º suplemento, n.º 277, de 30 de Novembro de 1992, a Lei n.º 38/98, de 4 de Agosto, que estabelecia medidas preventivas e punitivas a adotar em caso de manifestações de violência associada ao desporto, e a Lei n.º 39/2009, de 30 de Julho, que estabelece o regime jurídico do combate à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos, de forma a possibilitar a realização dos mesmos com segurança.

Em 1998 a Lei n.º 38/98, de 4 de Agosto, estabelecia medidas preventivas e punitivas a adotar em caso de manifestações de violência associadas ao desporto, onde é criada nova comissão, a Comissão Nacional de Violência no Desporto.

2.10.5. Entre 2010 e 2012

A quando da realização do EURO 2004, foi necessário criar uma legislação específica, e nesse caso aparece a Lei n.º 16/2004, de 11 de Maio, que aprovava medidas preventivas e punitivas a adotar em caso de manifestações de violência associadas ao desporto.

Em 2009, aparece a Lei n.º 39/2009, de 30 de Julho, que estabelecia o Regime Jurídico do Combate à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos, de forma a possibilitar a realização dos mesmos com segurança. Esta lei faz com que seja revogada a Lei n.º 16/2004, de 11 de Maio. Depois de ser publicada esta lei é criado o Conselho para a Ética e Segurança no Desporto (CESD).

A última Lei publicada, no que diz respeito a segurança dos espetadores em eventos desportivos, foi o Decreto-lei n.º 216/2012 de 9 de Outubro, decreto de lei que estabelece o regime de policiamento de espetáculos desportivos realizados em Recintos Desportivos e de satisfação dos encargos com o policiamento de espetáculos desportivos em geral.

Esta lei vem a contraria alguns artigos da Lei n.º 39/2009, onde na mesma falam de crimes e coimas, como é o caso do artigo 34º e o artigo 40º. Esta lei refere que a “requisição de policiamento de espetáculos desportivos não é obrigatória, salvo nos casos seguintes”:

- a) Realização de espetáculos desportivos em recintos à porta fechada;
- b) Realização de espetáculos desportivos na via pública;
- c) Outros casos expressamente previstos na lei.

Nos casos a que se refere o número anterior, o representante do promotor do espetáculo desportivo permanentemente responsável por todas as matérias de segurança do clube, associação ou sociedade desportiva, e designadamente do recinto desportivo, pode, de forma justificada, requerer o policiamento.

2.11. Os Serviços de Segurança

Como é claramente observável, que todos os eventos são dotados de uma série de recursos que se encontram associados direta ou indiretamente ao mesmo, sejam eles Recursos Materiais, Recursos Humanos ou Recursos Financeiros.

Os serviços de segurança são o conjunto dos recursos humanos que detêm responsabilidades, conhecimentos e meios técnicos de intervenção ao nível da prevenção e acautelamento, quer ao nível do socorro de pessoas, da guarda de valores e da ordem pública. Detêm formação específica e atribuições definidas e constituem a maior parte das vezes um corpo próprio que intervém dentro das instalações desportivas, podendo ser-lhes ou não pertencentes. A dimensão da instalação desportiva e o correspondente número de pessoas que movimenta assim exige maior ou menor institucionalização de serviços próprios, a requisição junto de entidades públicas ou a contratualização externa.

Nesse sentido será importante abordar os vários recursos humanos envolvidos na segurança dos eventos.

2.11.1. Polícia (PSP)

Começamos então por aquele que é característico e de extrema importância na realização, gestão e controlo das multidões nos eventos, a Polícia. Alguns estudos apontam para que a responsabilidades da polícia é frequentemente o resultado de um "design e padrão", onde é assumido que a polícia assume todos os tipos de responsabilidades. Embora a necessidade de aplicação da Lei continua a ser o dever primário da polícia, há uma crescente procura em outras áreas de policiamento, para uma especialização na gestão de multidões. De um modo geral, o papel da polícia em eventos é fazer cumprir as leis e administrar multidões em propriedade pública ou adjacente em cooperação e com o apoio necessário de o operador da instalação e/ou promotor do evento. Adang, Schreiber, e Livingstone, (2004), desenvolveram uma nova proposta de ação para as forças policiais acuaem em eventos desportivos.

Adang acompanhou o hooliganismo nos estádios europeus desde 1986. Os seus estudos começaram por entender o comportamento de primatas no jardim zoológico. Seguidamente elaborou outro estudo sobre comportamento da polícia. Para finalizar elaborou um estudo sobre o comportamento das multidões. Da conjugação destes três

estudos, tirou várias conclusões, entre as quais a existência de polícias a paisana, misturados com polícias devidamente caracterizados e de fácil identificação (coletes amarelo fluorescentes). A conjugação entre estas duas forças policiais, tornavam com que os vândalos não se sentissem tentados a provocar os polícias, e caso isso acontecesse estes eram imediatamente identificados e presos pelos polícias a paisana. A atuação era tão rápida que os outros adeptos não se apercebiam da existência de polícias a paisana entre eles, tornando a intervenção num sucesso.

A conclusão do estudo é de que o uso da opressão e da força bruta pode controlar o conflito num curto prazo, mas tende a ampliar os conflitos tanto em tamanho como em intensidade.

Adang (2004), que elaborou um estudo sobre a segurança do Europeu de 2004 em Portugal, conclui que “a abordagem de polícias não visíveis, prestáveis e mais firmes, e não provocadores” fez com que o Euro 2004 fosse um êxito a nível da segurança, sendo ainda hoje um exemplo a seguir para a realização de provas desportivas.

Dentro da Polícia podemos encontrar 3 forças que entreveem no espetáculo desportivo: os SPOTTERS, a Polícia de Intervenção Rápida, e a Polícia de Trânsito e a Polícia de Inativação de Explosivos.

2.11.1.1. SPOTTERS

Os “SPOTTERS” são especialistas dentro da ciência policial. As suas funções vão mais além do que simples observadores, eles devem ser capazes de identificar, dentro de uma multidão, quais os atores/focos passíveis de iniciar/despoletar um ato de violência. Existe uma unidade especial onde estes se enquadram, a Unidade Metropolitana de Informações Desportivas (UMID). Esta unidade para além das funções de “SPOTTING”, onde acompanham as claques ou grupos organizados de adeptos a todos os jogos, também tem uma função Preventiva, onde recolhem, tratam e fazem as análises dos adeptos de risco. Desde que haja situações de deslocação de adeptos de risco, os “SPOTTERS” estão presentes.

2.11.1.2. Divisão de trânsito

Polícia que tem como principal função o controlo de tráfico e fiscalização rodoviária. Sem eles a intervirem no espetáculo desportivo poderiam acontecer que os acessos e vias

de socorro de carros de emergência fossem cortados, impossibilitando a passagem dos mesmo e causando um grave problema na segurança.

2.11.1.3. Intervenção Rápida

A principal função desta Polícia é o controlo, manutenção e reposição de ordem pública. Tem um carácter preventivo e encontram-se sempre prontos para qualquer incidente que possa acontecer. Nesta unidade aparece também o Corpo de Intervenção e o grupo operacional sino-técnico da unidade especial de polícia, estes caso seja um jogo considerado de risco elevado e que envolva “*a priori*” jogos com confronto ou distúrbios entre adeptos, encontram-se também no perímetro do estádio e em alguns casos dentro do mesmo.

2.11.1.4. Centro de inativação de explosivos

A função desta Polícia é vista como de carácter preventivo e por vezes não é observado nem lhe é retribuído o devido valor, mas que ao mesmo tempo tem todo o interesse em ser efetuada. Antes do início de cada jogo fazem uma vistoria ao estádio na iminência de afastar qualquer tipo de ameaça de bomba ou algo semelhante.

2.12. Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC)

A principal missão desta entidade é a de planear, coordenar e executar a política de Proteção Civil, designadamente, na prevenção e reação a acidentes graves e catástrofes, de proteção e socorro das populações e de superintendência da atividade dos bombeiros, bem como assegurar o planeamento e coordenação das necessidades nacionais na área do planeamento civil de emergência com vista a fazer face a situações de crise ou de guerra.

Esta entidade nem sempre está presente nos estádios, mas os mesmos devem estar cientes do planeamento do evento, para garantir um nível aceitável de segurança do mesmo. Têm também a responsabilidade de marcar inspeções de rotina as instalações, assegurar o cumprimento das leis de segurança.

2.13. Diretor de Segurança (DS) - Promotor

O promotor do evento é geralmente a entidade responsável pelo evento. É nesse sentido que aparece a imagem do Diretor de Segurança (DS), onde o mesmo tem a

responsabilidade do mesmo. Este é o responsável por qualquer acontecimento que aconteça durante o evento, salvo suceda algum incidente de ordem publica no qual não seja possível o controlo pelos Assistes de Recintos Desportivos (ARD's), a responsabilidade e a intervenção passa a ser da Polícia, ou em ultimo caso, se acontecer uma catástrofe maior, como sismo ou algo semelhante, a responsabilidade e intervenção é da Proteção Civil.

É da responsabilidade do DS a organização, coordenação e planeamento de todos os aspetos do evento. São eles que estabelecem as datas, os locais, os recursos e as entidades que acham úteis para a realização do evento. A principal responsabilidade passa por garantir condições de segurança, em conformidade com as Normas, Procedimento e Leis, a todos os espetadores dos eventos. Essa responsabilidade também o remete para a cooperação com as autoridades policiais e os restantes agentes do evento.

Os DS fornecem, por norma, manuais de orientação num sentido de preparar o seu pessoal para qualquer acontecimento ou qualquer ponto abordar na sua função. Estes manuais descrevem tarefas e deveres, característicos a um posto de trabalho definido, como pode ser observado na figura seguinte, onde vêm descritas normas internas, planos de emergência e “*layouts*” de instalações.

Carlos Alberto de Camargo, Consultor de Segurança, salienta que “a ordem publica durante um evento desportivo não admite erros, porque todas as decisões devem ser tomadas num curto espaço de tempo sendo muitas delas complexas e de caracter operacional, todas elas envolvendo um numero elevado de agentes / agencias tendo sempre em conta a segurança e a vida de centenas e milhares de pessoas”, a preservação da Ordem Pública em Estádios de Futebol é uma missão crítica, exigindo um comando centralizado e bem definido, sem este comando as pessoas estariam sujeitas a mais situações perigo.

Descrição do Posto (R.1) Controlo de Portas de Emergência (Relvado)

Tarefas:

- Controlar as portas de saída de modo a não permitir saídas nem entradas por estas, excepto quando houver indicações por parte do C.S./D.S. no final do jogo.
- Em caso de invasão de Campo por parte de um espetador deverá agir prontamente para a intercepção do mesmo, efectuando posteriormente a entrega aos agentes de autoridades presentes nessa zona.
- Orientar os espetadores em todas as situações de emergência, especialmente as que impliquem a evacuação do recinto.

Deveres:

- Receber, orientar e cuidar dos espetadores, independente da sua idade, raça, sexo ou equipa que apoiam.
- Atender com zelo reclamações apresentadas por qualquer espetador.
- Manter uma atitude de completa neutralidade.
- Prevenir, acompanhar e controlar ocorrências de incidentes, comunicando de imediato ao Supervisor.
- Cumprir e fazer cumprir os Regulamentos de Segurança do Estádio.
- Cumprir as diretivas recebidas pelo Supervisor/D.S.
- Colaborar com as Forças de Segurança e Serviços de Emergência.




Figura 7 - Descrição do Posto

O uso dos mesmos destaca o conhecimento dos procedimentos nesse local, as suas funções em específico e os deveres. Um bom conhecimento dos mesmos faz com que todos os intervenientes no evento interajam em sintonia.

2.14. Assistentes de Recintos Desportivos (ARD's)

Começamos por aqueles, estão presentes em todos os jogos de Futebol, os Assistentes de Recintos Desportivos (ARD's). Estes organismos são da responsabilidade de várias empresas de segurança privada que existem no País. O nosso estudo abordou aqueles que mais intervém no panorama desportivo e em particular nos estádios da região de Lisboa, a empresa privada PROSEGUR.

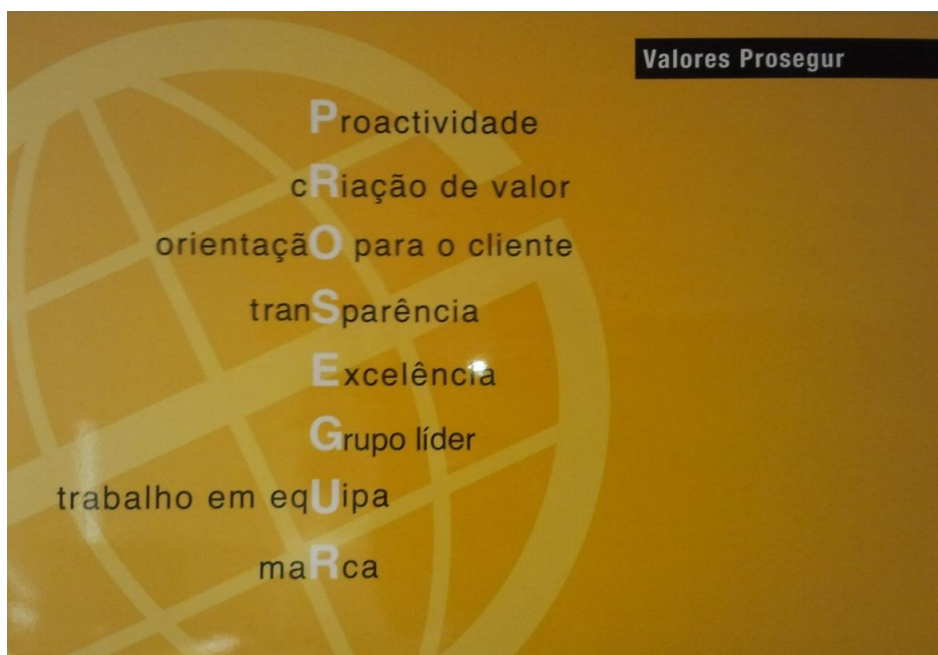


Figura 8 - Valores da PROSEGUR

Para estes organismos é definida uma lei dos quais todos eles tem que se reger, essa lei diz respeito á Portaria nº 1522-B/2002 de 20 de dezembro consagra a possibilidade da realização de espetáculos em recintos desportivos de um sistema de segurança privada que inclua vigilantes, a serem designados como Assistentes de Recinto Desportivo (ARD's), onde o mesmo é designado por ser um “vigilante de segurança privada, especificamente formado com o objetivo de garantir a segurança e o conforto dos espectadores nos recintos desportivos e anéis de segurança.”

A lei prevê ainda que em competições profissionais de futebol, desde que decorram em recintos desportivos com lotação igual ou superior a 25.000 espectadores, seja obrigatório o recurso a ARD.

Esta portaria aconselha a implementação de medidas que contribuam para melhorar os níveis de conforto e segurança dos espectadores de eventos realizados em recintos desportivos. Nesse sentido, os promotores dos espetáculos desportivos passam a poder recorrer a pessoal devidamente treinado e qualificado, que, como diz a portaria funciona na “dependência operacional da estrutura de segurança,” colaborando e apoiando a organização dos espetáculos desportivos, assegurando que os eventos ocorrem num ambiente confortável, seguro e de perfeita normalidade e harmonia.

Esta portaria define igualmente as “funções específicas” e o “âmbito de atuação” dos ARD’s. As suas funções nos recintos desportivos são de:

- Vigiar o recinto desportivo e anéis de segurança, cumprindo e fazendo cumprir o regulamento de utilização do recinto pelos espectadores;
- Controlar os acessos, incluindo detetar e impedir a introdução de objetos e substâncias proibidas ou suscetíveis de possibilitar atos de violência;
- Controlar os títulos de ingresso e o bom funcionamento das máquinas destinadas a esse fim;
- Vigiar e acompanhar os espectadores nos diferentes setores do recinto bem como prestar informações referentes à organização, infraestruturas e saídas de emergência;
- Prevenir, acompanhar e controlar ocorrências de incidentes, procedendo à sua imediata comunicação;
- Orientar os espectadores em todas as situações de emergência, especialmente as que impliquem a evacuação do recinto;
- Acompanhar, para colaboração na segurança do jogo, grupos de adeptos que se desloquem a outro recinto desportivo;
- Inspeccionar as instalações, prévia e posteriormente a cada espetáculo desportivo, em conformidade com as normas e regulamentos de segurança;
- Impedir que os espectadores circulem, dentro do recinto, de um sector para outro;
- Evitar que, durante a realização do jogo, os espectadores se desloquem dos seus lugares de modo a que, nomeadamente, impeçam ou obstruam as vias de acesso e de emergência.

Quantos aos Deveres previstos no regime jurídico que regula o exercício da atividade os ARD’s, os mesmos estão sujeitos a:

- Receber, dirigir e cuidar dos espectadores, independentemente da sua idade, raça, sexo ou da equipa que apoiam;
- Atender com zelo e diligência queixas ou reclamações apresentadas por qualquer espectador;

- Auxiliar na utilização segura dos recintos desportivos, dedicando todo o seu esforço ao bem-estar e segurança dos espectadores e ao bom desenrolar do espetáculo;
- Colaborar com as forças de segurança e serviços de emergência, incluindo a prestação de primeiros socorros básicos, sempre que tal for necessário;
- Cumprir e fazer cumprir os regulamentos de segurança relativos ao local onde presta serviço;
- Cumprir as diretivas recebidas da estrutura de segurança do complexo desportivo;
- Manter uma atitude de completa neutralidade quanto ao desenrolar do jogo e ao seu resultado.

Em muitos eventos são eles os responsáveis pelo controlo e gestão de multidões, e em alguns casos particulares a sua participação chega a ser só de simples observadores.

Embora possam ter funções semelhantes as da Polícia, os ARD's em Portugal, são responsáveis pela segurança dentro do Perímetro de Segurança, mas a autoridade deles, nestes espaços, não lhes concede competência legal para autuar ou prender os prevaricadores nestes mesmos espaços.

A PSP deteve 23 pessoas pelo crime de segurança privada ilícita, entre janeiro e agosto de 2011, durante mais de 1.500 operações realizadas no distrito de Lisboa.

Após um comunicado do comando metropolitano da PSP de Lisboa, as ações de inspeção, foram realizadas em estabelecimentos de diversão noturna, grandes superfícies comerciais, interfaces e terminais de transportes públicos, estabelecimentos comerciais e eventos culturais e desportivos, como jogos de futebol e festivais de música, como o “Rock in Rio” ou o “Optimus Alive”, onde foram detetados 35 ilícitos criminais, de que resultaram:

- 23 detenções pelo crime de exercício ilícito de segurança privada;
- 4 pelo crime de posse de armas proibidas;
- 1 por mandado de detenção.
- 310 autos por infrações no âmbito da atividade de segurança privada, 61 relativos a violações das normas do trabalho, 43 por infrações respeitantes à proteção de dados e 41 por outros motivos.

2.15. Os dirigentes e as suas responsabilidades sobre a violência

A necessidade por vezes reprimida de sentimentos, como já foi descrito anteriormente, faz por vezes cometermos ações que noutra situação ou noutra situação a sua ação seria elaborada de maneira diferente. Por vezes os sentimentos a “flor da pele” fazem com que a atitude perante um acontecimento não seja o melhor. Elias (1992), no seu texto sobre a “busca da Excitação”, esboça que o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo “um meio de produzir em descontrolo de emoções”.

Será difícil em momentos de maior tensão de conseguirmos agir e pensar da melhor forma, contudo a “cabeça fria” serve para colmatar essas situações, e quem não melhor para dar o exemplo que os próprios dirigentes desportivos. Para além das definidas na European Association for Sport Management (EASM), de “gerir as práticas desportivas utilizando um conhecimento específico das organizações desportivas, através de uma estratégia, um processo e um controlo de atividades”, tem também uma responsabilidade social pertinente e dando o exemplo para todos os sócios, adeptos e simpatizantes. Nessa medida é desacuada certas intervenções ou atos de alguns dirigentes desportivos espalhados por Portugal.

Abordando alguns exemplos e situações para que se perceba que o papel desempenhado por alguns dirigentes não dignifica nem beneficia o desporto, e neste caso o Futebol em nada.

São várias as notícias nos últimos anos que apontam para maus exemplos de dirigentes desportivos, como é o caso da notícia do jornal A Bola, onde a comissão de instrução de Inquéritos da liga instaurou processos disciplinares a “Carlos Pinho (presidente do Arouca), Joel Pinho (dirigente), Alberto Teixeira (diretor de segurança), Ricardo Ferreira (coordenador de segurança) e Manuel Fernandes (diretor do Sporting) por incidentes registados ao intervalo e, em especial, no final do jogo entre Arouca-Sporting B (1-2), da 6.^a jornada da segunda Liga, no passado dia 16 de setembro (2-2).

O presidente Carlos Pinho, foi acusado, de insultos e tentativa de agressão à equipa de arbitragem. Por sanção aplicada nos últimos três anos devido à mesma acusação, é considerado reincidente e incorre numa pena de dois meses a dois anos de suspensão, e uma coima de 510 a 5100 euros.

Já Joel Pinho é acusado de ter insultado e tentado agredir, o delegado do Sporting, Manuel Fernandes. Pelos insultos incorre na pena normal, já pela tentativa de agressão pode ser castigado de três meses a três anos de suspensão e coima de 1250 a 12750 euros.

Alberto Teixeira e Ricardo Ferreira respondem pela acusação de não terem garantido a segurança, nomeadamente quando adeptos invadiram o relvado no final, onde um desses prevaricadores, atingido o árbitro com um pontapé. Respondem também por “não terem retratado fielmente o que se passou no relatório”, apresentando uma versão mais aprazível do que aconteceu na realidade, incorrendo numa multa 153 a 1275 euros.

Manuel Fernandes responde por ofensa ao bom nome do Arouca, por, ao intervalo, ter dado, em voz alta, os parabéns ao árbitro por considerar que estava a resistir a um ambiente de pressão que considera existir quando o Arouca joga em casa. Incorre em multa de 103 a 1275 euros.

Para além desta situação relatada anteriormente, é de referir um acontecimento que se tornou notícia e que se encontra na memória de todos os amantes do desporto rei, a quando da visita do Sporting Clube de Portugal (SCP) ao Estádio da Luz.

O jogo começou muito antes do dia e da hora que estava marcado, neste caso o jogo fora das 4 linhas. Esse jogo para além de ter as características de risco elevado como vem definido no nº2 do Artigo 12º da Lei nº39/2009, teve características especiais e novas, SLB conclui-a nessa semana as obras para a colocação de uma “Caixa de Segurança” para os adeptos visitantes. Os dirigentes Leoninos comunicaram dias antes do jogo que “era uma ofensa” para os adeptos estarem numa zona assim.

Antes de continuar a referir esta situação será bom esclarecer que o SLB, foi o primeiro clube português a ter uma zona como esta, seguindo o exemplo de outros clubes europeus, Fußball-Club Bayern München (FCBM), no Allianz Arena, construído recentemente e o Futebol Club Barcelona (FCB), no Camp Nou. Esta medida criada pelo SLB é até bastante vulgar na América do Sul.

A troca de comunicados antes e depois do jogo foi constante, tendo maior visibilidade depois do jogo. Mencionando os dois comunicados e estabelecendo um paralelismo de pergunta resposta, os mesmos são descritos de seguida:

Comunicado do SCP (2011): *“O Sporting Clube de Portugal lamenta as condições proporcionadas aos seus adeptos no Estádio da Luz. Desde o início que o Benfica tinha conhecimento, face ao número de bilhetes vendidos, da quantidade de adeptos que iam estar presentes no Estádio. Colocar cinco pontos de acesso para a revista de todos os adeptos revela, uma vontade expressa de provocar uma entrada tardia, gerando tensões completamente evitáveis”*.

O SLB respondendo ao comunicado e defendendo-se das acusações do mesmo elaborou outro comunicado com os diferentes pontos abordados pelo comunicado do SCP

Começa por abordar o assunto do controlo de bilhética onde elucida que *“a revista de segurança o número de ARD’s foi igual ao que sempre tem sido utilizados, em anos anteriores, nos chamados jogos grandes ou denominados de alto risco, num total de 23.”* Esses 23 eram constituídos por 1 supervisor, 2 agentes especializados, 5 ARD’s femininos e 15 ARD’s masculinos.

O SLB elucida também que existiam *“5 pontos de segurança para controlo de bilhética, com 3 ARD’s masculinos e 1 feminino em cada um deles a passar revista”*.

A questão da entrada dos adeptos na “Caixa de Segurança” também foi elucidada, *“No dia do jogo, a “caixa” de adeptos do Sporting CP chegou ao estádio pelas 18h50”,* pelos vistos com 35 minutos de atraso ao que estava definido inicialmente *“18h15”*. Se esse atraso não tivesse acontecido todos os adeptos teriam assistido ao jogo inteiro, visto que os últimos a entrar *“fizeram-no cerca das 20h45 (30 minutos do jogo decorrido)”*.

Na reunião de segurança, realizada 3 dias antes do jogo e com todas as entidades envolvidas, foi solicitado pelo SLB que os adeptos do SCP chegassem ao estádio até à abertura de portas e nunca depois, precisamente para evitar este tipo de reclamações.

No comunicado do SCP vem ainda mencionado:

“Paralelamente, as condições dispensadas aos adeptos que pagaram o seu bilhete são no mínimo lamentáveis, quer pela falta de acesso de alguns sectores a unidades sanitárias, quer a bares, não sendo possível, sequer, comprar uma garrafa de água”. *“Foi claro, para quem esteve junto dos adeptos, que a rede colocada prejudica claramente a visão”*(2011).

Em resposta ao comunicado o SLB informa que as casas de banho e bares na zona da equipa visitante estão estiveram sempre disponíveis, antes, durante e após o jogo. Quando a questão da rede prejudicar a visão o SLB informa que “a Liga Portuguesa de Futebol Profissional não teria aprovado a referida estrutura se a visibilidade ao campo estivesse afetada”.

Outro assunto que veio também a ser abordado no comunicado do SCP, foi a questão da sobrelotação, um dos principais problemas que sucedem em todo o tipo de eventos e no que concerne a segurança dos espetadores.

“Para além disto, constatou-se uma sobrelotação do espaço disponibilizado aos adeptos do Sporting, indiciando assim que o número de lugares disponíveis era bastante inferior ao dos bilhetes vendidos para aqueles mesmos sectores”.

O SLB responde com os seguintes dados:

Os números da bancada visitante (Coca-Cola Piso 3/Topo Norte) são os seguintes:

Sectores	28	29	30	31	32	33	34	Total
Nº de lugares Modelo N	184	364	404	253	931	867	247	3250
Nº lugares utilizáveis	184	364	404	253	931	867	422	3425
Bolsa de Segurança (6 fiadas inferiores – abaixo do nível dos vomitórios)								536
Nº total de lugares da bancada visitante								3961

Tabela 2 - Dados informativos do setores ocupados SCP

Explicação do Quadro:

Segundo os regulamentos, o SLB é obrigado a ceder a equipa visitante 5% da lotação do estádio, o que corresponde a 3250 bilhetes.

O nº total de lugares da bancada disponibilizado foi de 3425 (mais 175 do que o exigido) dado que o SCP repetidamente solicitou mais bilhetes, resolvemos ceder o máximo possível em condições de segurança.

No entanto, como bolsa de segurança, não foram emitidos nem utilizados os 536 lugares correspondentes às 6 fiadas inferiores destes 7 sectores, pois servem para garantir a atuação de ARD´s e agentes da PSP.

Além destes 536 lugares, foram também retirados de venda as 3 fiadas laterais de cada lado da bancada visitante: 117 lugares do Sector 35 e 75 do Sector 27, no total de 192 lugares. Isto é, foram tirados de venda, por motivos de segurança dos adeptos visitantes, um total de 728 lugares.

Na figura 11 seguinte podemos verificar o “*email*” enviado com a formalização da devolução dos 46 bilhetes efetuada pelo SCP.

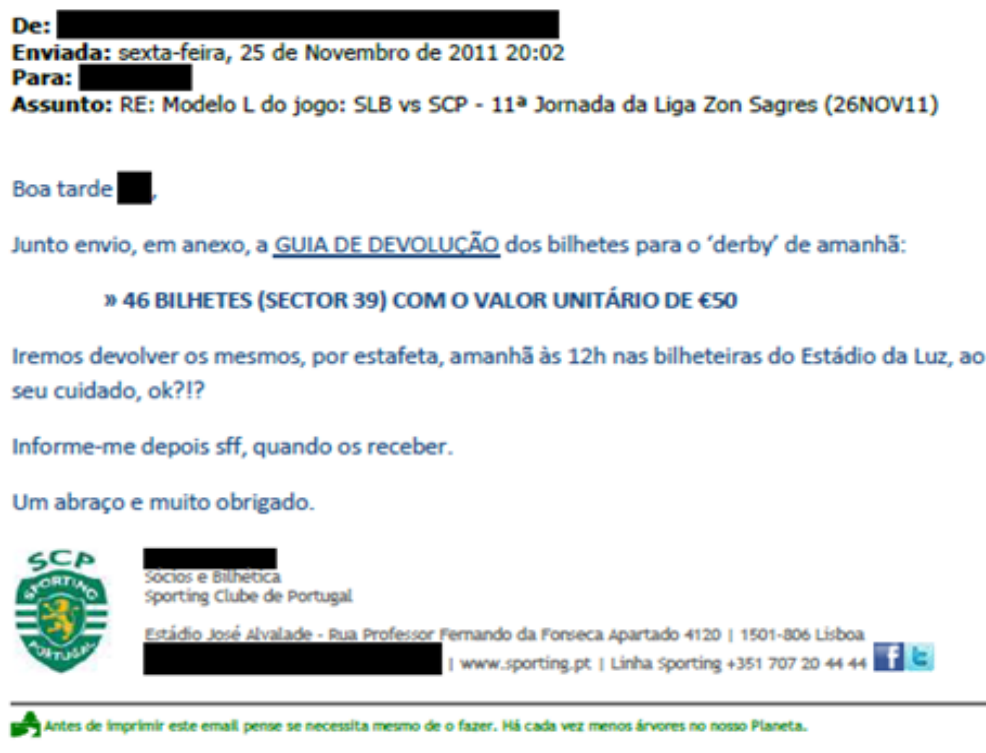


Figura 9 - Email do SCP ao SLB

De salientar no comunicado a falta de diálogo e de cooperação entres as entidades. Será do proveito de todos os intervenientes no espetáculo que é o Futebol uma cooperação ativa e um diálogo de cordialidade e de harmonia ente as partes

“É lamentável, pelas razões referidas, que um Clube como o Sport Lisboa e Benfica, receba a equipa visitante deste modo inqualificável. O espetáculo deve registar-se dentro de campo e não em atitudes exteriores, que pouco dignificam o futebol. O

Sporting Clube de Portugal reitera que, face às condições encontradas, a decisão da Direção de se juntar aos adeptos, e de sentir diretamente as condições que lhes eram facultadas, foi a mais acertada, e as palavras proferidas pelo vice-presidente Paulo Pereira Cristóvão expressam bem a nossa indignação”.

Após consultar alguns órgãos do SLB, fomos informados que dias antes do jogo, o Eng.º Carlos Miguel, Diretor de Segurança do SCP, visitou a “caixa de segurança” e as condições existentes no local, não tendo colocado qualquer restrição ou limitação para que os adeptos do SCP ali ficassem.

No dia do jogo (26/11/2011) Sr.º Eurico Gomes (Secretário Técnico do SCP) visitou a bancada 2h30 antes do início do jogo, acompanhado pelo Diretor de Segurança do SLB e pelo Delegado da Liga o Sr. Manuel Aranha. Ambos não encontraram nenhum tipo de anomalia sobre as condições apresentadas.

Outro assunto que também foi notícia diz respeito a quando da deslocação do SLB ao estádio do Dragão, casa do Futebol Clube do Porto (FCP). A notícia aborda as declarações do Diretor Nacional da PSP (Sr.º Oliveira Pereira), sobre a alegada insuficiência de ARD’s, tendo sido necessário “*solicitar reforço do número de agentes*”, como o próprio informa. Contudo o FCP em comunicado informa que “*pode ser comprovado com a consulta às gravações das câmaras do estádio que o número de elementos de segurança privada no início era de 18 e passou para 25, ainda antes da hora do jogo*”.

O FCP refere ainda no comunicado que “*costuma proceder à análise dos fatos antes de avançar com conclusões e está sempre disponível para discutir com todas as entidades*” possíveis melhorias nos procedimentos de segurança

No comunicado também é focado que o planeamento de segurança foi feito em conformidade com a PSP. Onde o acompanhamento dos adeptos do SLB seria elaborado em duas colunas, contudo o mesmo não sucedeu e a PSP decidiu juntá-los numa única coluna, o que fez com que revista dos adeptos fosse demora e não tão minuciosa como deveria ser feita. Contudo a que se conseguiu efetuar foi sensata, como se comprovou com a apreensão de diverso material pirotécnico e de material passível de ser arremessado.

No comunicado o FCP elucida ainda que *"não é hábito do clube dirigir responsabilidades próprias para terceiros, muito menos em eventos que envolvem o bem-estar de 50.000 pessoas e extravasam em muito lógicas meramente clubísticas"*, salientando também a longa experiência "na organização de esquemas de segurança para jogos de alto risco"

São situações como esta que devem de ser combatidas e serem colocadas de lado para que o Desporto e neste caso o Futebol seja meramente um espetáculo desportivo e não um campo atroz de batalhas e de rinchas dentro e fora do recinto desportivo. A colaboração entre as entidades envolvidas é necessária e com urgência.

2.16. Custos associados á Segurança

Após os atentados terroristas ao World Trade Center, a 11 de setembro de 2001, os organizadores do grande evento desportivos tiveram que lidar com uma série de impactos que até ali poucos tinham equacionado aos seus eventos, o que fez aumentar os custos dos mesmo.

Os organizadores dos eventos começaram a lidar novamente com o terrorismo e com os atos de violência, que até tinham vindo a desaparecer, desde o massacre de Munique, a 5 de setembro de 1972, onde 11 membros da equipa olímpica de Israel foram feitos reféns por um grupo terrorista palestino. Depois desse acontecimento a Segurança em todos os eventos de cariz social ou desportivo, foi mais apertada e ponderada, pondo por vezes em causa o "prazer" do evento desportivo aos espetadores, através do equilíbrio entre as medidas de segurança e de risco.

Um inquérito elaborado aos 2003 participantes da Copa do Mundo de Rugby, onde aspetos como o terrorismo, nível de risco e insegurança durante o evento, e segurança antes e pós evento foram equacionadas. O inquérito mostra que a maioria dos participantes se sentiu seguro e indicou que as medidas de segurança no local não estimulavam nem prejudicavam o seu nível de satisfação. Uma parte substancial dos participantes do evento repudiavam o terrorismo, e outros eram indiferentes a qualquer ameaça à sua segurança. Este inquérito, após o 11 de Setembro de 2001, só comprova que as implicações para gestores de eventos podem ser discutidas e equacionadas.

Em Portugal o valor que está ligado á Segurança nos eventos musicais, culturais ou desportivos, torna-se sem dúvida a maior percentagem nos custos associados ao evento.

A Segurança Privada, através de parcerias estabelece preços comerciais, sem estarem estipulados porque existe uma coordenação entre o promotor do evento e a Segurança Privada. Os valores podem rondar entre os 15 e os 35€, valor hora.

Já os clubes profissionais, têm nos seus custos associados á Segurança nos seus eventos (Jogos de Futebol), valores médios, estão compreendidos entre os 20.000 – 40.000 euros. Estes dados são relativos a duas grandes organizações desportivas, o SLB e o FCP, após consulta dos seus Diretores de Segurança.

O valor que a Polícia auferre pelos serviços prestados, no exercício da sua função a quando dos espetáculos desportivos, é definido na portaria 185°. Estes valores cobrados aos clubes bem como as Sociedades Anonimas Desportivas (SAD's) são determinados em duas tabelas, a Tabela A e a Tabela B.

Os valores da tabela A dizem respeito aos clubes profissionais ou as SAD's, e onde os mesmos vêm diferenciados em 3 categorias, Oficial, Sargento/Chefe e Agente.

Diário da República, 1.ª série—N.º 185—24 de setembro de 2012

TABELA A

Tabela geral

Categoria/carreira	(Em euros)			
	Período de quatro horas		Por cada hora acrescida ou fração superior a quinze minutos	
	Dias úteis das 8 às 20 horas (I)	Sábados, domingos, feriados e dias úteis das 20 às 8 horas (II)	Dias úteis das 8 às 20 horas (III)	Sábados, domingos, feriados e dias úteis das 20 às 8 horas (IV)
Oficial	42	60	11	15
Sargento/chefe	38	54	10	14
Cabo(*)/agente principal(*)/guarda(*)/agente(*)	36	51,70	9	13

(*) Quando em exercício de funções de coordenação auferre os valores previstos para sargentos e chefes.

Tabela 3 - Preços Polícia Tabela A

Relativamente as competições amadoras, os valores dizem respeito á Tabela B. Os valores são mais baixos do que da tabela A, embora os mesmos também se diferenciam em 3 categorias. Estes valores geralmente são suportados pela Secretária geral da administração interna, com verbas provenientes da Santa casa da misericórdia.

TABELA B

Competições desportivas de natureza não profissional

(Em euros)

Categoria/carreira	Período de quatro horas		Por cada hora acrescida ou fração superior a quinze minutos	
	Dias úteis das 8 às 20 horas (I)	Sábados, domingos, feriados e dias úteis das 20 às 8 horas (II)	Dias úteis das 8 às 20 horas (III)	Sábados, domingos, feriados e dias úteis das 20 às 8 horas (IV)
Oficial	36	53,30	11	14
Sargento/chefe	28,50	42,60	9	12
Cabo(*)/agente principal(*)/guarda(*)/agente(*)	25,50	37,60	7	10

(*) Quando em exercício de funções de coordenação auferem os valores previstos para sargentos e chefes.

Tabela 4 - Preços Polícia Tabela B

A abordagem ao financiamento dos grandes eventos é vista por muitos estudiosos como dependente do resto da organização.

Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, foram contratados cerca de 23700 Stewarts (termo Inglês para os nossos ARD's), mais 13.700 do que tinha sido estimado no início do evento.

Este aumento não teve qualquer envolvimento com alguma ameaça a bens ou pessoas, apenas foi tomado numa medida de aumentar a segurança e o conforto de todos os envolvidos no evento, adeptos, visitantes e atletas. Esta medida fez com que o custo de segurança para os Jogos Olímpicos de Londres 2012, aumenta-se quase para o dobro. O custo da operação, para garantir a segurança em mais de 100 locais em todo o Reino Unido, aumentou em de £271m (€314m) para £282m (€327m).

O investimento nesses recursos e equipamentos de segurança, onde perto de 24.000 pessoas tiveram formações específicas na segurança de recintos desportivos, e onde muitos equipamentos, neste caso “topo de gama” foram adquiridos para que o “security” do Jogos não fosse posto em causa. Este investimento global superou o orçamento num total de £9.3 Bilhões.

Mas as pressões de custos adicionais incluem £271m para segurança, £41m para as cerimônias de abertura e encerramento. £2,8m para o comando, coordenação e testes de comunicações e £25m destinadas as campanhas para aumentar os benefícios económicos dos Jogos, incluindo o turismo.

Para perceber melhor a percentagem de valor investida na segurança dos Jogos, basta analisar o custo inicial estimado. Esse custo que já incluía infraestruturas e transporte, estava estimado para £6.856 bilhões, se a este for dividido pelos custos associados á segurança, que não chegam a £10 bilhões, verificamos que a percentagem se situa entre 2 a 5%.

A análise custo-benefício dos Jogos Olímpicos de Londres tende a contemplar todas as diferentes despesas e proveitos do evento. Esta análise inclui, tanto os custos monetários e não monetários como os benefícios a eles associados.

Após algumas pesquisas verificamos que os principais custos dos Jogos Olímpicos de Londres estão associados á construção de instalações, onde algumas já foram construídas pensando na sua utilização futura, enquanto outras, sendo estas um investimento de curto prazo, foram construídas apenas para a sua utilização durante as 3 semanas dos Jogos, o custo de oportunidade, onde este reflete o custo de um projeto, como por exemplo a Vila Olímpica, onde o dinheiro aí investido poderia ser investido noutro projeto, como por exemplo projetos na saúde, numa nova rede de transportes ou mesmo da educação. Outro custo que aparece associado aos Jogos Olímpicos de Londres é o Custo para o contribuinte, visto o setor privado, neste caso os bancos não investirem/emprestarem dinheiro, devido á crise que se faz sentir nesta época, o governo sob pressão por causa dos resgates bancários e recessão só lhe resta a alternativa de “extrair” dinheiro ao contribuinte.

A publicidade também foi um custo associado a estes Jogos, onde muitos jornais britânicos comentaram que o logo do Jogos não era apropriado e que o mesmo poderia causar problemas, sendo o mesmo alterado e refeito várias vezes, tornando-se um custo desnecessário e escusado.

Os benefícios encontrados na realização dos Jogos Olímpicos de Londres são maiores que os seus custos. Benefícios como a criação de emprego e atividade económica; o aumento do turismo, sendo em alguns casos, uma forma de prestigiar lugares e fornecer aos mesmos o sucesso que até ali se tornava difícil de provar; os Jogos serviram também para aumentar a popularidade de Londres e tornando a mesma um “orgulho” para os Britânicos; a criação de novas ferrovias e de autoestradas, bem como novos acessos e um aperfeiçoamento dos transportes públicos; e por fim a construção de

novos edifícios, os quais serão utilizados pós evento como instalações de bem-estar público e alguns com características de grande utilidade para os habitantes locais.

Muitos contestaram a realização dos Jogos Olímpicos, pois apontaram como principal problema a perda de poder econômica no curto prazo, e que investimento deveria ser efetuado em cuidados de saúde e educação. Os custos para a saúde no Reino Unido rondam os 80 mil milhões € anuais nos últimos anos, enquanto o custo da Olimpíada aponta para 1170 mil milhões € (1 bilhão £). O governo Britânico aponta que esse investimento visa não só o melhoramento de infraestruturas para os atletas olímpicos e nacionais como para a utilização de atletas de outros países. O governo aponta também que o investimento servira para criar novos locais de habitação e melhores zonas de acessos aos mesmos e claro a criação de novos postos de trabalho.

Um dos exemplos de como o dinheiro da segurança nos eventos pode ser considerado um mau investimento diz respeito á Final da Copa Stanley – Canadá. Este evento que diz respeito a um jogo de Hóquei do gelo teve um custo associado de 3 milhões de dólares no total, e onde o custo da segurança foi estimado em 1,3 milhões de dólares. Se a quantidade de dinheiro investida se refletisse no evento, então estaríamos perante um evento com um elevado nível de segurança, contudo esse valor não foi nem de perto nem de longe o fator que diferenciou o evento. O resultado foi corretamente o contrário, e tudo indica que se deveu a uma má gestão e de uma má comunicação entre os agentes do evento, o que fez com que a desordem pública fosse notória e que a histeria em massa acontecesse, pilhagem e cenas violentas aconteceram e tornaram-se notícias por este mundo fora. Foi apontado que se a coordenação entre os agentes envolvidos e se a prevenção fosse ponderada ao ponto de ser equacionada, situações como as que aconteceram seriam mais fáceis de controlar e até de prever.

Nesse sentido pode ser tirada uma relação no que diz respeito ao dinheiro investido na segurança, que um bom planeamento e uma estrutura preparada delineada é o ponto fundamental na segurança. Por vezes, e casos como este, em que a anarquia se apodera do desporto, a única solução é a de garantir a segurança das pessoas que respeitam e cumprem a lei. É desconfortável como a cultura de violência se associa a certas modalidades desportivas, chegando ao tempo de enfraquecer o próprio desporto e tornado o mesmo sem interesse fazendo com que os espetadores se distanciem da ida aos eventos.

3. Metodologia

Vergara (2004), alude que “entrevistas individuais, grupos focais, questionários, observação simples e participante constituem as técnicas de coleta de dados mais difundidos em trabalhos empíricos no âmbito da pesquisa qualitativa.” Salienta também que existem outras técnicas. Não incorrendo em risco de estas serem melhores, optou-se por elaborar este trabalho ao recurso de entrevistas.

As entrevistas conseguidas, foram efetuadas ao Diretor de Segurança do Sport Lisboa e Benfica, o Sr. Rui Pereira; ao Diretor de Operações do Futebol Clube do Porto, o Sr.º Alexandre Costa; ao Chefe da Unidade Móvel de Informação Desportiva, o Subcomissário Sérgio Soares; e ao Subdiretor de Operações de Vigilância da PROSEGUR, o Sr.º Miguel Martins.

Todas as perguntas efetuadas nas entrevistas tinham 7 pontos estratégicos, os quais passo a citar, Recursos Humanos, Recursos Financeiros, Recursos Materiais, Cronograma, Acontecimentos, Legislação e uma Opinião Pessoal sobre o tema em causa, a Segurança em Eventos Desportivos.

O intuito de focar estes pontos foi abordar as várias hipóteses equacionadas no ponto 1. Introdução. O conteúdo das perguntas encontram-se em anexo, e o conteúdo das entrevistas pode ser consultada em formato digital no Cd que vem com o documento.

Para além da pesquisa descritiva que é efetuada neste estudo também é efetuada uma análise comparativa do que sucede a nível nacional com o que sucede a nível internacional.

Também pode ser visto algum paralelismo á Gestão da Segurança nos Estados Unidos da América, pelo simples fato que eles tratam este tema com enorme preocupação desde os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), atestam que na pesquisa qualitativa a “observação de fatos, comportamentos e cenários é extremadamente valorizada”.

O contributo de estar 3 meses ligado a Segurança do Estádio da Luz, de estar presente em todas as reuniões e todos as operativas que antecederiam em todos os eventos, permitiu-me observar os factos e mecanismos que ai sucediam e eram praticados.

Os aspetos a serem observados neste estudo visavam a comparação e os procedimentos antes, durante e depois do evento.

Antes do evento existiam sempre 2 reuniões sobre a Segurança do evento, onde uma implicava a organização e o planeamento do evento, e a outra uma reunião com as forças de Segurança para estabelecerem planos de ação e de atuação durante o evento. Fui convidado para todas essas reuniões de segurança e de planeamento do evento que durante os 3 meses no SLB, contabilizaram um total de 15 reuniões. Desde jogos nacionais de alto risco, passando por jogos nacionais de menor dimensão e acabando em jogos internacionais.

Durante o evento foi possível assistir a todos os processos que implicam a segurança dentro de um estádio, na Sala de Controlo do Estádio da Luz. Nesse local para além de ser o cerne da segurança do evento é também o local onde todos os intervenientes da Segurança se encontram. Esse local também tem ao dispor dos mesmos vários monitores que se encontram ligados ao CCTV.

Após o evento decorriam sempre reuniões para finalizar o evento, num sentido de encerrar o mesmo efetuando um registo de todos os acontecimentos que ocorreram no evento e percebendo os pontos a melhorar para o próximo.

4. Apresentação e discussão de resultados

4.1. Como abordar a Segurança nos espaços

A discussão de resultados deste estudo, e como foi mencionado na metodologia, tem por referência todas entrevistas elaboradas, bem como por observação e comparação dos métodos aplicados pelos intervenientes nos Estádios de Futebol, no que concerne a Segurança dos mesmos.

Passo então por mencionar os Recursos Humanos do evento. Em todo o processo de elaboração deste estudo foi observado que vários intervenientes de uma maneira ou de outra, tem um papel importante na Segurança. Desde o Diretor de Segurança, a Polícia de Trânsito, bem como dos ARD's. A estimativa da quantidade de recursos necessários varia consoante o a classificação dos espetáculos, como vem definido no artigo 12º na Lei n.º 39/2009.

A “Operativa”, assim mencionada pelo DS do SLB é definida, para além da Lei referida anteriormente, também é pelos exemplos de jogos com “as mesmas características” ou “exemplos passados”. Já o D.O. do FCP define essa quantidade partindo de uma base, onde já se encontram “catalogados por grau e para cada um existe um plano de RH” as quais sofrem alterações/adaptações necessárias mediante as “características específicas de cada jogo”.

Todos os intervenientes, nas entrevistas elaboradas, salientam que a Comunicação é “fundamental ao bom desenrolar do evento, quer na fase de preparação quer de execução.”

Outro ponto que foi abordado nas entrevistas foi os Recursos Financeiros. Tanto o DS SLB e o DO do FCP, informa que os custos podem variar entre os 25.000€ e os 40.000€, consoante as características do evento, onde esse valor já inclui despesas como Polícia, Segurança Privada, Assistência Médica, Prevenção de Fogos, entre outros.

Após questionados quanto aos pontos onde é investido mais dinheiro, a resposta foi unanime, “os custos mais elevados são com ARD’s e a Polícia”. Quanto à redução desses custos, o DO do FCP aponta vários métodos, “flexibilidade na gestão do evento, através do fecho de bancadas em jogos de assistência reduzida, abertura de portas mais tarde, supressão de perímetros de segurança em jogos de risco baixo.” Já o DS do SLB para além de salientar os mesmos pontos numa dinâmica “mais articulada” argumenta ainda que “a não obrigatoriedade de requisição de polícias, veio abrir uma nova janela de redução de custos em alguns jogos”, embora o SLB nunca, e até ao momento, equacionou tal propósito em nenhum dos seus eventos.

Os recursos matérias nesta temática, têm um papel secundário mas que, se tornam importantes na Segurança do Evento. Podemos verificar que todos eles utilizam os mecanismos que foram abordados anteriormente no ponto 7. São eles que permitem perceber a quantidade de espetadores no evento, através dos bilhetes, são eles que permitem encaminhar e examinar os adeptos, a triagem, são eles que permitem observar o comportamento dos mesmos, CCTV.

Se os promotores são obrigados a ter alguns destes materiais, já os restantes intervenientes, têm que trabalhar com materiais que transportam para os eventos e que

possuem, como por exemplo os Bombeiros, os ARD's, os SPOTTERS e a as restantes Polícias.

Embora a revista dos adeptos seja feita manualmente, é necessário que esta seja efetuada com luvas, e onde as pessoas que o façam tenham de estar caracterizadas.

A Legislação também foi um dos focos deste estudo. Para além de toda a informação que se pode observar no estudo, foi necessário compreender se os intervenientes do evento desportivo, as conheciam e entendiam. Todos eles focaram a Lei que regula o combate à violência nos recintos desportivos portugueses, a lei 39/2009 de 30 de Julho. Mas também todos eles salientaram um ponto em comum, neste caso, um problema, a falta de “fiscalização”.

Na mesma temática foi questionado se a “Legislação nacional está de acordo com a internacional? “ é mencionado que “a nível internacional existem só algumas normas e regulamentos dos organizadores das competições”, FIFA e UEFA e Think Tanks Pan Europeus.

De referir ainda que todos os intervenientes afirmam que a legislação portuguesa se enquadra nas normas e regulamentações internacionais.

O Cronograma, caracteriza-se por perceber a questão do espaço temporal relativamente ao planeamento da Segurança bem como os seus intervenientes. Verificou-se assim, que a comunicação entre os intervenientes, passa pela elaboração de uma reunião, geralmente com a antecedência de 2 ou 3 dias para o evento, onde são convocados todos os elementos citados no ponto 9. Já o dialogo entre os clubes, essa comunicação antes dos jogos, e geralmente efetuada com uma antecedência de 3 a 5 dias. Contudo a comunicação entre os clubes serve mais para “a requisição de bilhetes” e a “deslocação de adeptos”. É ainda estabelecida um contacto com a Unidade Metropolitana de Informações Desportivas (UMID), devido ao deslocamento de adeptos das claques, ou grupos organizados da sua área de intervenção.

Relativamente as mensagens ofensivas, de incitamento à violência, racismo ou xenofobia, bem como mensagens de cariz político, estas são proibidas, por Lei, em recintos desportivos e consequentemente no nos dos estádios do estudo. O FCP e o SLB não permitem a entrada de “faixas, bandeiras ou panos com a identificação de Grupos

Organizados de Adeptos”, que não estejam legalizados conforme definido pela Lei 39/2009 de 30 de Julho.

Na Opinião Pessoal, foi unanime que um aspeto que foi consensual nas entrevistas e na pesquisa elaborada, dizia respeito a Educação Pública, a qual será um fator que pode vir a Segurança em todos os eventos, tanto nos estádios, tanto como noutros locais de eventos desportivos. Quando questionados sobre a cultura desportiva do nosso país, a resposta consensual, que uma melhor cultura desportiva, de maior fair play e respeito pelo jogo e pelo adversário, poderia contribuir para uma redução do grau de risco dos eventos e consequentemente dos custos de segurança.

Também como resultado final, e após, apreciação das entrevistas e outros textos já mencionados, verificamos que os fenómenos de violência no desporto podem estar relacionados com os problemas da sociedade em geral.

No seguimento dos resultados, e no que respeita ao planeamento, é importante tomar providências relativamente aos pontos que devemos abordar. A criação de um plano detalhado, com os cargos de cada individuo ou organização é importante. Nesse sentido é importante numerar as fases e os pontos a abordar nas mesmas.

Começamos assim por enumerar os principais pontos que se desenrolam no processo de planeamento, que diz respeito á 1ª fase:

- Criar um plano de pessoal detalhado que designa um local para cada trabalhador. Com base no número estimado de participantes/utentes/individuos da multidão, deve se determinar o número de efetivos necessários para as várias localizações, para garantir a segurança do evento. Trabalhadores qualificados, significa boas práticas e conhecimentos adequados a situações inesperadas.
- Cooperação com Bombeiros e PSP para determinar se o local do evento preenche os requisitos mínimos de Segurança para a realização do mesmo, e que atende a todos os requisitos de segurança pública,
- Garantir que todas as autorizações e licenças são obtidas e que os serviços de emergência locais estão informados do evento.
- Designar responsáveis por equipas e por pontos de situação no decorrer do evento.
- Fornecer sinais legíveis e visíveis que descrevem locais de entrada, de saída, horários de abertura, e outras informações importantes.

- Prepare um plano de emergência que aborda potenciais perigos que possam vir acontecer, como a superlotação, esmagamentos, feridos no meio da multidão, atos violentos e incêndios. Este plano de emergência deve ser elaborado em parceria com os órgãos de segurança pública locais.
- Criar mecanismos aos empregados em procedimentos de gestão de multidões e do plano de emergência, proporcionando-lhes uma oportunidade de praticar o plano do evento. Se possível incluir órgãos de segurança pública.

Para além dos pontos que referi anteriormente, serão também de referir outros pontos que correspondem ao pré-evento:

- A configuração das barreiras ou linhas de corda para a travagem e controlo da multidão, servem para separar espaços físicos e para delimitar pontos chave.
- Barreiras bem colocadas permitem uma segurança e um controlo da multidão bem definidos, como por exemplo uma entrada ordeira e eficaz.
- A qualidade e as características do material também são importantes. Materiais ou a colocação do mesmo tem de sempre ter em conta os perigos que estes podem acarretar, tais como materiais pontiagudos, materiais que possam ser arremessados, materiais que não fiquem fixos em pontos estratégicos.
- Designar os trabalhadores para explicar a abordagem e os procedimentos de entrada para o público chegar, e encaminhá-los para linhas ou entradas.
- Meios de comunicação á distância, como por exemplo o “*walkie-talkie*”, telemóveis, intranet, etc. ou outra forma de se comunicar com o pessoal dentro ou fora do recinto. Será também importante verificar se o sistema de som interno se encontra em bom funcionamento.
- Mecanismos como pulseiras numeradas ou bilhetes, servem para controlar a entrada de pessoas.
- Localizar obstáculos potenciais de serem arremessados ou projetados dentro do recinto. Geralmente esses obstáculos encontram-se em equipamentos públicos, incluindo casas de banho, lavatórios, bebedouros de água e de abrigo.
- Colocação de placas informativas e de distribuição de panfletos mostrando a localização das entradas, saídas e localização de outros pontos, como posto médico, sanitários, entre outros.

O pré-evento é visto como um ponto importante para o início ordeiro e organizado de um evento, contudo no decorrer do evento tudo tem que estar em perfeita sintonia. Se alguém não executar as tarefas com o devido zelo, pode originar problemas, tanto para a organização como para os participantes do evento. Nesse sentido salientamos alguns pontos a ter em conta:

- Certifique-se de que todos os funcionários e pessoal de controlo estão nos locais estabelecidos e cientes de que as portas estão prestes a abrir.
- Que os Seguranças, Polícias ou outras pessoas estão bem identificados, através de roupa distinta ou uniformes, bem como os respetivos cartões de identificação.
- Se necessário a utilização de som ambiente, como colunas ou megafones para informar de problemas ou de outras situações.
- Fornecer uma entrada segura para pessoas com deficiência ou de mobilidade reduzida.
- Em situações de Emergência temos de ter em conta os seguintes pontos:
 - Não diminuir o espaço de saída e não bloquear essas saídas.
 - Ter sempre presente os números de emergência médica.
- Mantenha “*kits*” de primeiros socorros e de desfibrilhadores disponíveis, onde os mesmos devem ser manuseados por pessoal treinado para prestar esse auxílio.
- Fornecer e incutir os procedimentos aos empregados, para que no caso de uma emergência, saibam seguir esses procedimentos.

Após abordagem de todas as estas fases chega aquela a fase onde existe menos problemas pela parte da organização do evento, o pós-evento. Esta fase é caracterizada pela elaboração dos relatórios e que dá atenção aos pormenores, mais importantes para a gestão. No que diz respeito a Segurança será de referir, que tem de ser equacionados os seguintes pontos:

- Limpeza do local do evento, para que não fiquem objetos que possam vir a interferir em eventos futuros.
- Verificação de baias e barreiras protetoras, e caso seja necessário repara as mesmas para não colocar em causa as seguranças dos espetadores.

Em estádios de Futebol, será também importante a verificação das cadeiras danificadas ou que possam vir a ser danificadas futuramente, porque as mesmas servem

como armas de arremesso. Se alguma apresentar um grau de danificação elevado deve ser substituída por uma cadeira nova.

Todos estes pontos devem ser sempre equacionados no que diz respeito á Segurança num evento. Alguns pontos podem sofrer alterações mas todos eles são importantes e devem ser sempre equacionados.

5. Conclusões e Recomendações e Limitações

Percebendo que um estudo como este é extenso, foi necessário iniciar o mesmo com hipóteses plausíveis para resolver os mais variados problemas, no que concerne á Segurança nos estádios. Nesse sentido as perguntas de partida para foram: Existem meios, mecanismos, ou outras formas de Segurança, no que respeita ao SECURITY nos eventos desportivos, que o gestor desportivo possa vir a lidar durante o evento? Será que existe cooperação entre os Clubes e os agentes envolvidos? Quais os problemas que estão ligados há Segurança?

Os meios e técnicas para o controle de multidões, têm vindo a evoluir significativamente. Desde o momento que a segurança se tornou obrigatória nos eventos desportivos, que este tema tem sido abordado e incluído em todos os processos de planeamento de organização. A existência de uma maior consciencialização das pessoas e dos intervenientes quanto ao cumprimento das regras, e com entrada de novas técnicas e meios para o controlo de espetadores que o risco dentro dos estádios se torna cada vez mais controlável.

A capacidade de resolver as situações que possam vir acontecer durante o evento, a capacidade de saber como as antecipar ao ponto de as prever, pode designar-se por uma estratégia de prevenção, e nesse sentido o planeamento tem de estar de acordo com todos os possíveis atos de insegurança.

Toda esta prevenção pode ser elaborada, através de antigos relatórios, através de experiências anteriores, através de uma noção de acontecimento que podem vir a ser o foco de violência, por isso os meios audiovisuais, como camaras nos recintos (CCTV) e em outros pontos que possam ajudar a prever esses acontecimentos é de extrema importância.

A violência nos estádios, seja do ponto de vista intrínseco ou extrínseco, passou a ser encarada um problema social, uma vez que tomou uma simetria tão grande e um grande incômodo aos interesses do evento desportivo. A segurança nos estádios deve tomar proporções maiores e atuar de forma a controlar e assegurar aos adeptos segurança, antes, durante e depois dos eventos. O uso de operação e da força bruta pode controlar o conflito no curto prazo, mas a tendência é a de ampliar os conflitos, tanto em tamanho como em intensidade.

Deve-se proteger o desporto como instrumento educativo, principalmente nos estádios onde há maiores concentrações, criando uma educação mais pública e específica neste aspeto, apontando o civismo e as relações sociais como pontos cruciais para melhores entendimento das partes, criação de grupos organizados para apoiarem árbitros, para apoiarem as duas equipas, até para apoiarem dirigentes e treinadores, seriam ideias que poderiam ser implementadas nos mais jovens, para que o futuro neste aspeto fosse mais risonho.

O trabalho da segurança não deve estar só, a conscientização das claques, é essencial já que o desporto mobiliza multidões, é símbolo de motivação, é uma paixão nacional, resgatar esse desporto como instrumento educativo é sem dúvida um dos passos para se ter mais controle e menos violência nestes locais.

As instalações com acessos inteligentes e maior controlo do CCTV são essenciais e de extrema importância, para que os agentes envolvidos possam eliminar possíveis focos de violência.

Responsabilizar mais os promotores dos eventos pelo comportamento dos seus adeptos, através de políticas mais céleres e mais concretas para os prevaricadores tornando assim os espaços mais seguros.

A fiscalização bem como a salva guarda dos interesses dos adeptos é por vezes – se não sempre – posta de parte, estando o interesse monetário das equipas sempre em primeiro lugar. Nem sempre os estádios de futebol possuem características que a lei define, mas isso não os proíbe de continuar a efetuar jornada após jornada os jogos que aí estão designados a serem efetuados.

Todos os espaços devem ser bem delineados de tal medida que os mesmos têm de ter definido regras, normas, condutas para que se alguma coisa correr mal nesse local os

intervenientes que estão ali colocados possa proceder da forma mais adequada para a situação em causa, um bom exemplo são os simulacros, poucos são os estádios em Portugal, e pela informação recolhida, só o Estádio da Luz o efetuou.

A falta de experiência de alguns agentes, o não cumprimento das regras estabelecidas, tanto pela lei, ou pelas normas internas, bem como espaços mal definidos e a utilização de materiais rudimentares, e por fim a falta de comunicação entre os intervenientes antes, durante e pós o evento pode despoletar episódios de violência nos Estádios.

Em suma, os problemas criados pelos espetadores está diretamente ligado á natureza do espetáculo desportivo e ao número de espetadores, sendo precisamente por isso que o Futebol é o mais problemático porque reúne grande número de pessoas de varias características sociais, o mau comportamento dos mesmos e o seu mediatismo perante as restantes modalidades se torne quase impossível de minimizar.

As recomendações passam pela implementação de novos mecanismos de controlo de adeptos têm de ser equacionados por todos os intervenientes. Desde camaras de RaioX, detetores de metais nas portas de entrada, e leitores infravermelhos ou de calor em casos mais extremos, para o caso de engenhos pirotécnicos.

As limitações para este estudo passam pela falta de dados fornecidos pelas varias identidades envolvidas, desde outros DS de outros Éstadios de futebol, bem como de outros eventos sociais e culturais, bem como de outros intervenientes.

A complexidade desta temática e a complexidade dos eventos desportivos, pode ser visto como um fator limitador. A Segurança de um evento no Estádio da Luz é diferente da Segurança no Estádio Nacional, visto que os espaços serem muito diferentes e apresentarem características próprias, da sua localização e equipamento, bem como o conforto dos mesmos.

O tipo do evento também é um fator limitador. A Segurança de uma Volta a Portugal em Bicicleta é diferente de uma prova de Canoagem Nacional. Por isso a estudo ser de grande complexidade e de grande caráter abrangência.

Outro limitador foi o fornecimento de dados de alguns intervenientes dos mesmo não mostrarem interesse no fornecimento de informação, para uma análise comparativa mais real e específica.

Para futuros estudos recomendo uma comparação dos procedimentos de Segurança, relativamente aos estádios das equipas portuguesas que se encontram nas competições europeias.

6. Bibliografia

- Abbott, J., e M. Geddie (2000) *Event and Venue Management: Minimizing Liability Through Effective Crowd Management Techniques*. Event Management
- Adang, C. e Stott, C., (2005) *Crowd Dynamics, Policing, and "Hooliganism" at "Euro2004"* Research Report for the Economic and Social Research Council. Grant reference
- Adang, O, Schreiber, M e Livingstone, A. (2004) *When hooligans lose their bottle: the value of the social identity approach to crowd at Euro2004*. Paper presented at at the British Psychological Society's (BPS)' Social Psychology Section Annual Conference Liverpool, September 1
- Adang, O.M.J. (2004) *Public Order policing - recent research findings*. Keynote paper delivered at CEPOL European Police Science and Research Conference, Police Academy of the Czech Republic in Prague, November 9 - 12
- Alpert, G., e D. Flynn (2000) *Community Policing and Major Special Events: A Case Study of Super Bowl XXXIII*. Police Executive Research Forum
- Alves-Mazzotti, A. J. e Gewandsznajder, F. (1999) *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. 2ª Ed. São Paulo: Pionera
- Bale, J. (2000) *The Changing Face of Football: Stadiums and Communities*. Soccer & Society
- Begert, M. (1998) *Crowd Control Measures*. The Police Chief
- Camy, J. e Robinson, L. (2007) *Managing Olympic Sport Organizations*. Champaign: Human Kinetics.
- Clarke, J. e Taylor, I. (1973) *Football Hooliganism and the Skinheads*. Birmingham: Centre fr Contemporary Cultural Studies.
- Cunha, L. (2007) *Os espaços do desporto – Uma gestão para o desenvolvimento humano*. Almedina, Coimbra
- Dunning, Murphy e Williams (1986) *Spectator Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanation*. British Journal of Sociology, 37
- Limbergen, Colaers e Walgrave (1989) *As causas sociais e socio-psicologicas do vandalismo futebolístico*. Direcção-Geral dos Desportos, Lisboa
- Madeira, B., Caetano, J., Rasquilha, L., & Santos, R. (2007) “Gestão de Marketing de Eventos Desportivos” Lisboa: Plátano Editora.

- Madensen, Tamara D. e Eck , John E. (2008) *The Problem of Spectator Violence in Stadiums - What This Guide Does and Does Not Cover*, Spectator Violence in Stadiums Guide No. 54
- Marivoet, S. (1989) *Evolução da violência associada ao desporto (1978-1987)*. Lisboa, Direcção-Geral dos Desportos
- Miller, K. (1993) *Crowd Control*. JOPERD--The Journal of Physical Education, Recreation & Dance Vol. 64, No. 2
- Morrone, F. (1994) *Special Event Management and the Terrorist Threat*. Police Chief 61
- Neal, D., D. Sugarman, J. Hustad, C. Caska, e K. Carey (2005) *It's All Fun and Games, or Is It? Collegiate Sporting Events and Celebratory Drinking*. Journal of Studies on Alcohol
- Nogueira, T.M.F.T (2007). *Formas de violência e outras práticas ilícitas em jogos de futebol: contribuição para o estudo dos atos e dos atores responsáveis pelos incidentes*. Tese de Mestrado
- Norbert, E. e Dunning (1992) *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade
- Nylen, L. (1994) *Policing Major Soccer Events*. Police Chief 61
- Paim, M. e Strey, M. (2004) *Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade*. Revista Digital n.79, v.10, Buenos Aires
- Pires, G. (2007) *Agôn - Gestão do Desporto - O jogo de Zeus*, Porto Editora
- Poit, D. R. (2006) *Organização de Eventos Esportivos*, 4ª ed. São Paulo, Phorte
- Price, S. (2003) *When Fans Attack*. Sports Illustrated
- Russell, G., e A. Mustonen (1998) *Peacemakers: Those Who Would Intervene To Quell a Sports Riot*. Personality and Individual Differences
- Sachetti, J. (2009) *Gestão de eventos: crise ou oportunidade*. Comunicação do X Congresso APOGESD, Covilhã
- Sarmiento, J., Pinto, A., Silva, C. e Pedroso, C. (2011) *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva 2011*, Volume 1, Número 2
- Sivarajasingam, V., Moore, S. e Shepherd, J. (2004) *Winning, Losing, and Violence*. Injury Prevention 11
- Smisson, B. (1990) *Legal Liability and Risk Management for Public and Private Entities*. Sports and Physical Education

Stott, C. e S. Reicher (1998) *Crowd Action as Intergroup Process: Introducing the Police Perspective*. European Journal of Social Psychology

Tavora, S. (2008). *Comportamento de massas*. Forum Brasileiro de Segurança Pública

Vergara, S. (2009) *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 11^a. Ed. São Paulo: Atlas

Ward, R. (2002). *Fan Violence: Social Violence of Moral Panic*. Aggression and Violent Behavior

Weiss, J., e M. Davis (2005) *Policing the Oktoberfest*. Law and Order

Young, K. (2002) *Standard Deviations: An Update on North American Sports Crowd Disorder*. Sociology of Sport Journal

6.1. Documentos institucionais

- Decreto-Lei n.º 231/98 de 22 de Julho - Alterado pelo Decreto-Lei n.º 94/2002, de 12 de Abril
- Decreto-Lei n.º 231/98, de 22 de Julho – Alterado pelo Decreto-Lei n.º 94/2002, de 12 de Abril
- Decreto-Lei n.º 270/89 de 18 de Agosto (Rectificado nos termos da Declaração de Rectificação de 9 de Outubro de 1989, publicada no DR, I.ª s, n.º 251, de 31.10.1989)
- Lei 39/2009 de 30 de Julho, que regula o combate à violência nos recintos desportivos portugueses
- Lei n.º 1/90 de 13 de Janeiro - Alterada pela Lei n.º 19/96, de 25 de Junho)
- Lei n.º 1/90, de 13 de Janeiro foi revogada pela Lei n.º 30/2004, de 21 de Julho
- Portaria n.º 1522-C/2002, de 20 de Dezembro
- Resolução da Assembleia da República n.º 11/87 de 10 de Março

6.2. Sítios na Internet

<http://aovivo.slbenfica.pt/Noticias/DetailhedeNoticia/tabid/790/ArticleId/20074/language/pt-PT/A-boa-e-a-ma-informacao.aspx>

<http://ethique-alsace.unistra.fr/index.php?id=4530>

<http://globalethic.org>

<http://noticias.sapo.pt/lusa/artigo/9312714.html>

<http://pessoas.hsw.uol.com.br/batalhao-de-choque2.htm>

<http://relvado.sapo.pt/benfica/benfica-ataca-sporting-comunicado-296011>

<http://veloweb.ca/2011/06/20/sporting-events-costs-and-benefits/>

<http://veloweb.ca/2011/06/20/sporting-events-costs-and-benefits/>

<http://www.bbc.co.uk/ethics/sport/>

http://www.boschsecurity.com.pt/content/language1/html/3872_PTG_XHTML.asp

<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/footballgovernance/codeethics.html>

<http://www.cces.ca>

<http://www.cevi-globalethics.be>

http://www.dn.pt/desporto/interior.aspx?content_id=1490066

<http://www.eventosesportivosmei.com.br/estudodecaso/?action=viewArticle&articleId=1>

<http://www.eventosesportivosmei.com.br/estudodecaso/?action=viewArticle&articleId=1>

<http://www.fairplayinternational.org>

<http://www.globalethics.bham.ac.uk>

<http://www.globalethicsuniversity.com>

<http://www.gmu.edu/centers/globalethics>

<http://www.guardian.co.uk/uk/2011/dec/05/olympic-security-costs-rise-553m>

<http://www.ingentaconnect.com/content/cog/em/2006/00000009/00000004/art00003>

<http://www.leedsmet.ac.uk/international/age>

<http://www.lnfs.es/noticias/noticias-otras/LNFS-comienza-proceso-evaluacion-51820062012.html>

<http://www.maisfutebol.iol.pt/benfica/benfica-uefa-petardos-processo-interdicao-celtic/1392660-1456.html>

<http://www.olympic.org/ethics-commission?tab=mission>

http://www.popcenter.org/problems/spectator_violence/references/

<http://www.publico.pt/desporto/noticia/arbitro-assistente-agredido-mortalmente-por-jogadores-na-holanda-1575969>

<http://www.securityprovider.com.au/>

<http://www.sirc.ca>

<http://www.totalprosports.com/2011/07/11/9-tragic-sports-fan-deaths/>

<http://www.transparencia.pt>

<http://www.uwe.ac.uk/hlss/politics/ngehr>

<http://www2.forumseguranca.org.br/node/22222>

Anexos

Perguntas de partida, para as entrevistas

Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> - Em todos os eventos é necessário saber e estimar a quantidade de recursos para um determinado evento. Como é definida essa quantidade? - Existe comunicação, comunicação/interligação entre as entidades ligadas ao evento? - Quais os tipos de Forças de Segurança, bem como os respetivos nomes das mesmas que se associam aos diferentes tipos de eventos.
Recursos Financeiros	<ul style="list-style-type: none"> - Os custos associados a segurança num evento são geralmente elevadas. Em média tem a noção dos valores que gastam/cobram num evento? - Onde acha que podia reduzir custos? - Quais são os pontos que consomem mais dinheiro? - Acha que numa sociedade onde a cultura desportiva fosse outra, estes custos seriam mínimos?
Recursos Materiais	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os materiais que necessitam para um evento? - Caso sejam necessários outros materiais estes são adquiridos de que forma? - Os materiais que utilizam para examinar as pessoas ou que utilizam para o controlo de multidões são os apropriados? Existem outros que porventura gostariam de possuir?
Cronograma	<ul style="list-style-type: none"> - Geralmente são efetuadas reuniões entre os promotores do evento. Qual o tempo, em média, que se realizam essas reuniões antes do evento acontecer? - No planeamento do evento tem a atenção de elaborar um plano de emergência e de evacuação?
Acontecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Casos e acontecimentos marcantes no que diz respeito à violência em espetáculos ou eventos.
Legislação	<ul style="list-style-type: none"> - A nova Lei sobre o policiamento desportivo, tem levantado várias questões e muitas dúvidas. (Decreto-lei n.º 216/2012 de 9 de Outubro), qual a sua opinião relativamente a este assunto? - A legislação atual enquadra-se com a realidade? Acha pertinente, existirem leis mais específicas e mais severas para quem não se sabe comportar em eventos? - Legislação nacional está de acordo com a internacional?
Opinião Pessoal	<p>Todos nós somos críticos em vários pontos da sociedade neste caso a violência que esta associada aos eventos pode gerar vários pontos de vista e perspetivas diversas. No caso dos eventos quais os pontos que melhoravam e os pontos que poderiam ser riscados no que diz respeito ao controlo de multidões em eventos.</p>